

NÁDIA MAROTA MINÓ

**PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE O
ENVELHECIMENTO E ESTIGMAS LIGADOS À VELHICE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS-BRASIL
2016**

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal
de Viçosa - Campus Viçosa

T

M355p
2016
Marota Minó, Nádia, 1970-
Percepções de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e
estigmas ligados à velhice / Nádia Marota Minó. - Viçosa, MG, 2016.
xi, 92f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 76-80.

1. Envelhecimento. 2. Velhice (Aspectos sociais). 3. Estigma
(Psicologia social). 4. Percepção social em crianças. 5. Representações
sociais. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia
Doméstica. Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica.
II. Título.

CDD 22. ed. 305.26

NÁDIA MAROTA MINÓ

**PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE O
ENVELHECIMENTO E ESTIGMAS LIGADOS À VELHICE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 17 de fevereiro de 2016

Maria C. Aparecida Pereira Zolnier

Eveline Torres Pereira

Rita de Cassia Pereira Farias
(Orientadora)

Ficha Catalográfica

Envelhecer

Arnaldo Antunes

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer

Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar

Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá
Eu quero pôr Rita Pavone
No *ringtone* do meu celular

Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá

Pois ser eternamente adolescente nada é mais demodê
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr

Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer...

“Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”.

(Albert Einstein)

*Ao meu esposo Carlito, aos meus filhos
Vinícius e Amanda e a minha mãe Madalena,
Dedico*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, força, determinação e saúde para a realização desse grande sonho, por ter me enviado amigos que são anjos; por ter conduzido os meus passos, mostrando os caminhos e abrindo as portas necessárias.

À minha família, em cujo apoio e compreensão encontrei sentido para enfrentar cada obstáculo. Ao meu querido esposo Carlito Freire Minó, pelo primoroso companheirismo e apoio desmedido. Com seu jeitinho quieto, esteve comigo nas horas boas e ruins, sempre acreditando em meu potencial e nunca deixando que eu me sentisse desamparada. Aos meus amados filhos Vinícius e Amanda, que estiveram sempre firmes ao meu lado em todos os momentos desta trajetória, sejam eles felizes ou de angústia. Cada um, a sua maneira, me apoiaram e, em cada vitória, diziam se orgulhar de mim, me oferecendo importantes estímulos para prosseguir. À minha doce mãezinha Madalena, fonte inesgotável de carinho, que me ensinou que o tempero da vida é o amor, e que em tudo que fazemos precisamos utilizar esse tempero, assim o resultado será mais saboroso e feliz.

À minha orientadora Rita, que na verdade é muito mais que orientadora, é sobretudo minha amiga e irmã, a quem devo tudo, uma vez que esteve comigo desde a coorientação do meu TCC, me incentivando, motivando, aconselhando, me apresentando os caminhos da ciência, corrigindo meus textos, melhorando, sugerindo, me ajudando a organizar as ideias. Em alguns momentos, chegou a me conduzir, segurando pela mão. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu mesma duvidava.

Aos meus colegas e amigos, que rezaram, torceram e acreditaram que eu seria capaz; isso se tornou combustível e estímulo para esta conquista. As colegas do mestrado que dividiram alegrias e inquietudes durante o caminho percorrido, que possibilitaram troca de informações e apoio, tornando a jornada mais leve. Obrigada por abrilhantarem este processo com carinho, gentileza, palavras de apoio, força e, mais importante ainda, dividiram momentos de descontração e muita alegria como: Silvânia, Aline Silva, Aline Rodrigues, Eleusy, Érica e Juliana Damelines. Sem a companhia dessas moças a caminhada seria muito mais densa. Amizade que adoça a vida.

À bolsista de iniciação científica Júlia Lorrayne, que esteve junto a mim no campo, me ouvindo, discutindo os assuntos referentes à pesquisa, permitindo que eu pudesse ver também os resultados da coleta de dados através do seu olhar, dando oportunidade de conversar e refletir sobre o campo e os resultados encontrados.

Aos funcionários do Departamento de Economia Doméstica, destacando a Aloísia, a Efigênia e o Roberto, que estiveram prontos a atender com gentileza e atenção, sempre que solicitados.

Aos professores que garantiram momentos de muito aprendizado, desde a graduação até chegar aqui, proporcionando crescimento e amadurecimento científico. Sobretudo os professores das disciplinas do mestrado que teceram discussões de temas preciosos para a construção desta dissertação.

À Universidade Federal de Viçosa pela oportunidade de ter meu nome registrado em sua história, a qual muito me orgulho. A CAPES pela contribuição financeira, sem ela tudo seria muito mais difícil.

Aos membros da banca de defesa desta dissertação, Prof^a. Maria da Conceição Aparecida Zolnier e a Prof^a. Eveline Torres Pereira, pelas primorosas contribuições.

As crianças, adolescentes e profissionais da educação que contribuíram para esta pesquisa. Obrigada por revelarem um pouco sobre o que pensam a respeito do idoso e, assim, possibilitaram alcançar os objetivos deste estudo.

Por fim, a todos que participaram direta ou indiretamente na construção e realização deste sonho, minha eterna gratidão!

BIOGRAFIA

NÁDIA MAROTA MINÓ, filha de Geraldo Magela Marota e Maria Madalena da Silva Marota, nasceu no dia 05 de junho de 1970, em Viçosa, Minas Gerais.

No período de 2007 a 2009 frequentou o curso de graduação em Pedagogia pela Faculdade de Viçosa - FDV e, em 2008 foi aprovada no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa, iniciando a graduação na UFV em 2009 e terminando em setembro de 2013.

De março de 2013 a dezembro de 2015, participou como voluntária no Projeto de Extensão “Esta Ruga Tem História”, desenvolvido no Programa Municipal da Terceira Idade - PMTI, mediante uma parceria firmada entre Prefeitura e a UFV. Esta participação resultou na escrita do trabalho de conclusão de curso intitulado: Educação Gerontológica: um estudo com Idosos Frequentadores do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) de Viçosa-MG e na publicação de alguns trabalhos que tematizam a velhice.

Visando aprofundar os estudos sobre o envelhecimento humano, em 2014, ingressou no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da UFV, submetendo-se a defesa em fevereiro de 2016.

Em 2015 foi aprovada para cursar o doutorado no Departamento de Economia Doméstica da UFV em 2016, como proposta de continuar pesquisando a velhice no contexto da inter-relação família e sociedade.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. O problema e sua relevância	1
1.2. A construção do objeto de estudo	6
1.3. Objetivos.....	13
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1. As múltiplas faces do envelhecimento e seus diversos condicionantes.....	14
2.2. Aspectos biológicos da velhice	17
2.3. Aspectos socioeconômicos da velhice.....	21
3. PERCURSO METODOLÓGICO	24
3.1. Aspectos éticos	24
3.2. Contexto do estudo.....	25
3.3. Caracterização da pesquisa	31
3.4. Análise dos dados.....	42
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
4.1. Estigmas ancorados nos aspectos negativos da velhice	43
4.2. Aspectos positivos da velhice	57
4.3. Aproximações e distanciamentos entre as escolas privada e pública.....	64
4.4. A escola como espaço de reflexão e formação	67
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6. REFERÊNCIAS	76
7 APÊNDICE	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Idosa com sua cuidadora.....	27
Figura 2: Idosa ensinando criança a cozinhar	27
Figura 3: Idoso lendo um livro para um bebê	28
Figura 4: Idosos em cadeiras de rodas	29
Figura 5: Idosos tocando saxofone e dançando	29
Figura 6: Idosas praticando atividade física	30
Figura 7: Idosos em instituição de longa permanência	31
Figura 8: Idosa embalando uma criança	31
Figura 9: Idoso ensinando criança a pescar	32
Figura 10: Idosos tatuados	32
Figura 11: Casal de idosos se beijando	33
Figura 12: Idoso conversando com adolescente.....	33
Figura 13: Casal de idosos jogando videogame	34
Figura 14: Idosa aprendendo a usar o computador com uma adolescente.....	34

RESUMO

MINÓ, Nádia Marota, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2016. **Percepções de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e estigmas ligados à velhice.** Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias.

O trabalho objetiva analisar as percepções de crianças e adolescentes sobre o processo de envelhecimento, uma vez que as representações podem variar conforme as idades e as influências recebidas. A motivação para o estudo surgiu da observação cotidiana do preconceito que subjaz aos discursos sobre os idosos, principalmente no que se refere a piadas e divulgações midiáticas. Os participantes da pesquisa foram estudantes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, de duas escolas de Viçosa-MG, uma pública e outra particular, sendo 180 estudantes da primeira e 55 da segunda. Em termos metodológicos, utilizou-se entrevistas grupais e, para fomentar o diálogo com os estudantes, foram apresentadas imagens sobre idosos em situações diversas. Os resultados dos dois contextos foram, em sua maioria, homogêneos. Os dados revelaram muitas percepções negativas sobre a velhice como uma etapa de vida marcada por limitações, dependência, ociosidade, inutilidade e incapacidade, além de uma corporalidade decadente. As percepções positivas, em menor proporção, estavam ligadas à experiência de vida, sabedoria e capacidade para dar bons conselhos. A longevidade como privilégio e a possibilidade de o idoso manter uma vida ativa e estabelecer relações intergeracionais também foram destacadas. Todos manifestaram uma não apreciação pela estética dos velhos, mas se mostraram desfavoráveis a intervenções cirúrgicas. Em termos gerais, a velhice é bastante estigmatizada pelos estudantes deste estudo, e isso talvez se deva a conhecimentos advindos do senso comum, bem como à falta de informação sobre o assunto. Infelizmente, as escolas em estudo, durante o período da coleta de dados, não desenvolviam qualquer trabalho que pudesse mudar essa realidade. Considerando o aumento do número de idosos na população brasileira, almeja-se com esta pesquisa contribuir para a construção de diferentes teorias e ações que motivem as relações intergeracionais nas famílias, escolas e demais instâncias da sociedade.

ABSTRACT

MINO, Nadia Marota, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2016. **Children's and teenagers' perceptions about the aging process and stigmas of old age.** Advisor: Rita de Cássia Pereira Farias.

The study aims to analyze children's and teenagers' perceptions about the aging process, since the representations may vary according to age and the influences received. The motivation for this investigation arose from everyday observation of prejudice that underlies the discourses about the elderly, especially when it comes to jokes and media productions. Research participants were students from 5th to 9th grade from two middle schools in Viçosa-MG, a public and a private one. The study involved 180 students from the first school and 55 from the second one. In terms of methodology, group interviews were used. To foster discussions with the students, pictures of old people taken in different situations were presented to them. The results of the two contexts were mainly homogeneous. The data revealed many negative perceptions about old age as a life stage marked by limitations, dependence, idleness, uselessness and lack of capacity, in addition to a decadent corporeality. Positive perceptions appeared less frequently and were linked to life experience, wisdom and ability to give good advice. Longevity as a privilege and the possibility of the elderly to maintain an active life and establish intergenerational relationships were also highlighted. All the students expressed a dislike towards the elderly aesthetics but proved unfavorable to surgical interventions. Generally speaking, old age is very stigmatized by the students of this study, and this may be due to knowledge derived from common sense as well as the lack of information about the subject. Unfortunately, schools in the study, during the time of data collection, took no action to change this reality. Considering the increasing number of elderly people in the population, this research aims to contribute to the construction of different theories and actions that motivate intergenerational relationships in families, schools and other segments of society.

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo são abordados aspectos ligados ao problema de pesquisa e sua relevância, mencionando como se deu a construção do objeto de estudo, além de destacar os objetivos do trabalho.

1.1. O problema e sua relevância

A partir da década de 1970, o número de idosos vem crescendo significativamente no Brasil e no mundo, o que indica a necessidade de pesquisas sobre essa faixa etária, como também de ações efetivas que possam preparar a população para lidar com essa realidade. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) apontam que a população brasileira cresceu seis vezes nos últimos 50 anos. Em 1960, havia 3,3 milhões de brasileiros com idade superior a 60 anos (4,7% da população). Em 2010, os idosos representavam 20,5 milhões, ou seja, 10,8% da população (IBGE, 2010), resultado do avanço da ciência, da medicina e da melhoria na qualidade de vida das pessoas.

De acordo com Gontijo (2005), em todo o mundo, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais tem aumentado mais rapidamente do que as outras faixas etárias. Com isso, é esperado que até 2025, o mundo tenha uma percentagem de 22,3% de idoso, que corresponderá a um índice em torno de 694 milhões de pessoas mais velhas, alcançando uma média de 2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos, sendo a maioria residente em países em desenvolvimento. Esse aumento implica em readaptações no âmbito familiar e privado, além de indicar a necessidade de criação de diferentes políticas públicas que atendam esse público, bem como de ações culturais que promovam trocas intergeracionais para idosos de diferentes etnias.

No Brasil, a Política Nacional do Idoso defende a necessidade de serem criados mecanismos que impeçam a discriminação e possibilitem a participação do idoso nos diferentes âmbitos da sociedade. Além disso, em 1º de outubro de 2003, foi instituído o Estatuto do Idoso, criado pela Lei nº 10.741, que estabelece prioritariamente normas de proteção e novos direitos a esses indivíduos (BRASIL, 2003).

Dentre as conquistas advindas do Estatuto do Idoso, destacam-se: benefício de um salário mínimo para aqueles que não conseguirem garantir sua subsistência; atendimento preferencial no Sistema Único de Saúde; recebimento de remédios gratuitos, principalmente aqueles de uso continuado; proibição aos planos de saúde de fazerem reajustes com cobranças diferenciadas por idades; gratuidade nos transportes coletivos para maiores de 65 anos e descontos de 50% em atividades de lazer e cultura. Soma-se a isso a garantia por lei de que nenhum idoso poderá ser vítima de negligência, discriminação, violência e crueldade, tendo o dever de comunicar essas violações às autoridades. Além disso, as famílias que abandonarem idosos em hospitais e casas de saúde serão sujeitas a condenação que pode variar de seis meses a três anos de prisão¹.

Para que o estatuto fosse colocado em prática, o governo federal instituiu a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), em 2004, como o objetivo de constituir uma rede de serviços de assistência e proteção social à família, infância, velhice e às pessoas com deficiências. Nesse processo, os municípios assumiram essa política, mediante a Secretaria de Assistência Social, visando ao desenvolvimento social e à melhoria das condições de vida da população.

Apesar desse conjunto de leis e políticas voltadas para os idosos, Oliveira (1999) destaca que as políticas educacionais no Brasil não são tão eficientes quando abordam a realidade do idoso, pois o sistema de ensino, frequentemente, reforça a dissonância de valores entre as diferentes idades e gerações, o que contribui para o processo de desvalorização do idoso na sociedade brasileira.

Frente ao crescimento acelerado da população idosa, tornam-se necessárias reflexões sobre as ações e políticas públicas para atender a esse público. Camarano (1999) considera que a heterogeneidade desse segmento extrapola sua composição etária, exigindo que se formulem políticas públicas distintas. A variedade de envelhecimentos, que se dá, principalmente, por conta das diferentes trajetórias de vida.

Os distintos envelhecimentos, que faz com que essa categoria seja polifônica e plural, trazendo diversas implicações socioeconômicas.

Um exemplo disso é o comércio que lucra com os produtos e serviços, como lazer e turismo, oferecidos aos idosos. Dessa forma, a sociedade não deveria considerar

¹ Disponível em: <<http://direitoidoso.braslink.com/05/estatuto.html>>

os idosos apenas como meros consumidores, mas deveria avaliar a longevidade como uma mudança positiva na ordem social.

Como isso não ocorre, “[...] o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociais do momento” (DEBERT, 1999, p. 12). É importante salientar que o envelhecimento considerado um “problema” não é regra geral, uma vez que há idosos que conseguem levar uma vida ativa, independente, com saúde e qualidade de vida, como será discutido posteriormente.

Embora essa fase da vida possua determinadas características físicas que a definem, a velhice se configura de forma heterogênea, pois existem muitos modos de envelhecer. Alguns idosos possuem vida bastante ativas, trabalham, cuidam de netos, mantêm financeiramente o lar e os filhos, fazem atividades físicas e possuem potencial cognitivo elevado. Outros, por sua vez, encontram-se acamados, com doenças crônicas e dependentes de cuidados diários e frequentes. Como descreve Camarano:

Está se falando aqui de um segmento que vivencia a última etapa da vida, composto tanto por pessoas com total autonomia, com capacidade de contribuir para o desenvolvimento econômico e social e que desempenham papéis importantes na família quanto por pessoas que não são capazes de lidar com as atividades básicas do cotidiano e sem nenhum rendimento próprio, ou seja, um grupo com necessidades bastante diferenciadas (CAMARANO, 1999, p.2).

A autora (1999) chama a atenção também para o crescimento acelerado do número de idosos dentro do grupo familiar, o que ela denomina de “verticalização das famílias”, e isso pode alterar a vida do indivíduo, das estruturas familiares e da sociedade como um todo, tanto do ponto de vista econômico quanto emocional.

Camarano menciona ainda que é difícil ou quase impossível fazer a associação do envelhecimento à idade cronológica, considerando que existem idosos com físico e intelecto mais saudáveis do que é comum para outros da mesma idade. O contrário também acontece, ou seja, há pessoas cronologicamente mais novas que apresentam físico e intelecto debilitados.

O envelhecimento populacional também interfere na economia do país, pois modifica em cadeia as várias relações e políticas, desafiando as famílias e a sociedade a encontrar soluções para questões de cunho legal e ético. Os impasses ligados à velhice podem ser familiares e restritos ao âmbito privado, como também diretamente dependentes das políticas públicas de seguridade social, políticas urbanas, sociais, de trabalho e emprego, sustentabilidade do meio ambiente, mobilidade urbana e acessibilidade, bem como de ações intergeracionais e pluriculturais, para homens e mulheres de todas as etnias, orientação sexual e condição social (PORTAL BRASIL, 2003).

Apesar do número crescente de idosos, da valorização da longevidade pela ciência e dos investimentos em leis e políticas públicas voltadas para esse público, ainda há uma desvalorização da sociedade que se revela em diversas formas, principalmente em relação à construção e manutenção de estigmas ligados à velhice. Frequentemente os idosos são excluídos porque a sociedade tem a juventude como um de seus principais valores. Com isso, muitas pessoas de idade avançada não conseguem usufruir de ensino formal, lazer, sociabilidade e qualidade de vida.

Acerca da juventude como importante valor, Martinez (2007) afirma que a figura juvenil fortaleceu-se como uma imagem prestigiosa sob uma perspectiva comercial que motiva o consumismo em qualquer idade. Sob as influências da mídia e do mercado, muitas pessoas mais velhas cultivam o fenômeno da “juvenilização”, buscando aparentar menos idade.

Na contramão das construções sociais sobre o estigma de envelhecer, é crescente o número de idosos que têm uma vida ativa, praticam esportes, frequentam academias, viajam com frequência e são bastante independentes. Esses idosos buscam levar uma vida dinâmica, mantendo movimentos corporais e relações sociais ativos, negando a se enclausurarem em seus lares. Assim, estão sempre em busca de atividades criativas que preencham seu tempo. Parte da população ativa dessa faixa etária é encontrada nos núcleos de convivência para idosos, onde participam de ocupações diversas como dança, ginástica, artesanato, alfabetização e aprendem até mesmo sobre seus direitos. Tudo isso contribui para que esse público tenha uma vida com a autoestima mais elevada e com maior autonomia. Para os idosos, as atividades físicas e de lazer possuem grande relevância para sua rotina e, principalmente, saúde. Como afirma Doll (2007):

A saúde das pessoas tem relação estreita com seu estilo de vida. Enquanto uma vida ativa, incluindo atividades físicas, contribui para a manutenção da saúde e do bem-estar físico, o sedentarismo, bastante comum no mundo moderno, tornou-se uma preocupação da saúde pública por contribuir para uma série de doenças crônicas. A partir dos anos de 1970, a imagem dos esportes e dos exercícios físicos vem sofrendo marcante alteração. Antes restritos a uma minoria, transformaram-se em atividades físicas preconizadas para todos, inclusive para os idosos. Hoje em dia fazem parte da grande maioria de programas de lazer, convivência e educação não-formal para idosos (DOLL, 2007, p. 114).

Doll (2007) aponta ainda outro ponto que pode ser muito positivo para o processo de envelhecimento, quando afirma que idosos relatam dificuldades para preencher o vazio deixado pela aposentadoria e, conseqüentemente, pela saída do mercado de trabalho. Uma proposta para preencher esse vazio é o trabalho voluntário, em que a pessoa pode fazer algo útil para a sociedade, preenchendo o tempo e a mente, além de demonstrar sua experiência e ter reconhecimento perante a sociedade, trazendo resultados positivos para sua saúde e vida social.

Acreditando na possibilidade de os idosos levarem uma vida marcada por aprendizado, lazer e sociabilidade em uma sociedade que os estigmatiza de diversas maneiras, o objetivo desta pesquisa foi refletir sobre as construções sociais dos estigmas ligados à velhice. Considerando que as percepções sobre a velhice podem variar conforme as idades e influências sociais, delimitou-se como participantes da pesquisa empírica crianças e adolescentes estudantes de uma escola pública e outra privada. A opção por esses sujeitos de pesquisa deve-se ao fato de que, nessa fase da vida, as referências identitárias estão sendo construídas e os grupos de convivência exercem papel crucial nessa construção. Além disso, a beleza física é muito relevante na constituição das identidades desse grupo.

Dessa forma, com esta pesquisa, busca-se responder as seguintes questões investigativas: Que percepções crianças e adolescentes possuem sobre os idosos? O que eles pensam a respeito do corpo envelhecido? Eles se imaginam idosos? Como se imaginam? As percepções dos estudantes das escolas pública e privada são diferentes? As escolas desenvolvem algum trabalho sobre a temática velhice?

Diante do crescimento acelerado do número de idosos na população brasileira, considera-se a necessidade de projetos que motivem as relações intergeracionais nas famílias, escolas e demais instâncias da sociedade. A busca por informações sobre as percepções dos sujeitos ligadas ao envelhecimento, o entendimento das peculiaridades acerca da forma de pensar, agir e reproduzir de crianças e adolescentes em relação ao assunto velhice, possibilitará ampliar a compreensão das particularidades do fenômeno do envelhecimento, subsidiando a realização de ações, projetos e políticas públicas que tragam benefícios efetivos ao idoso.

1.2. A construção do objeto de estudo

O interesse em estudar o tema envelhecimento humano surgiu durante a realização do curso de graduação em Pedagogia na UFV. Ao participar de um trabalho acadêmico realizado com idosos residentes em uma instituição asilar, deparei-me com uma realidade que me possibilitou perceber o quanto aquelas pessoas eram socialmente excluídas. Através das leituras realizadas e das estatísticas constatadas, ficou evidente que aquele não era um caso isolado, mas sim o recorte de uma população crescente que continua a ser excluída pelo modelo de desenvolvimento capitalista.

Diante dessa realidade, busquei entender um pouco mais sobre esse público, o que me despertou o interesse pelo trabalho com idosos e o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em 2013, enfocando a educação gerontológica. Para desenvolver o trabalho de campo, acompanhei as atividades do projeto de extensão em interface com a pesquisa “Esta Ruga Tem História”, desenvolvido no Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), por uma professora e alunos do curso de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, do qual continuo participando.

O PMTI de Viçosa - MG, implantado em 1994 pela Secretaria de Ação social e em 31 de maio de 2007 foi reconhecido pela Lei Municipal 1.828/2007, e conta atualmente com mais de 2000 idosos cadastrados (FARIAS, 2012). Sobre a importância de projetos como espaço de encontros intergeracionais, Todaro (2009) salienta que a troca de experiências entre gerações pode trazer benefícios consideráveis, melhorar a qualidade de vida dos idosos e a convivência entre as diferentes idades:

Numerosos dados empíricos indicam que projetos que promovem contato intergeracional têm efeitos claros, de natureza compensatória e estimulante sobre as atitudes em relação aos idosos e que, pelo fato de favorecerem a inserção social, programas de mudança de atitude baseados em atividades que envolvem o intercâmbio entre gerações rompem preconceitos e ajudam a melhorar a qualidade da convivência dos idosos com as gerações mais jovens (TODARO, 2009, p. 27).

Os grupos de convivência para idosos como o PMTI surgem como parte das políticas voltadas para o envelhecimento ativo e as pesquisas, segundo Farias (2012), apontam os benefícios que a convivência com outros podem trazer para a melhoria da qualidade de vida dos participantes. Os núcleos de convivência proporcionam importantes encontros intergeracionais, viabilizando a troca de conhecimento e trazendo benefícios a todos. Nesse contexto, os idosos têm oportunidade de praticar atividades físicas, compartilhar suas lembranças, dividir experiências, fazer amigos, visando ampliar a sociabilidade e assim adquirir saúde mental e física.

Farias e Minó (2014) revelam que o Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) oferece condições para que os idosos realizem atividades que propiciem o desenvolvimento físico e mental, dando oportunidade para que os participantes possam resgatar suas memórias, relatar seus saberes, ampliar o leque de conhecimento e aumentar o convívio social, afirmando assim sua condição de cidadão e sujeito da sua própria história.

Dentre os projetos do PMTI que promovem a cidadania na velhice está o Projeto “Esta Ruga Tem História”. As reuniões no Projeto abordam temas como: envelhecimento saudável, cidadania e direitos humanos, prevenção quanto à violação dos direitos dos idosos, estereótipos ligados ao envelhecimento, dentre outros. As reuniões visam resgatar as histórias de vida e memórias dos idosos, bem como identificar os problemas enfrentados no cotidiano e em suas relações com a família e sociedade. Participantes do projeto relatam que nessa fase da vida, têm mais tempo para si mesmos. Muitos deles têm o primeiro salário com a aposentadoria, além da possibilidade de compartilhar experiências, viajar e se divertir. Além disso, com a participação no Projeto, os idosos se sentem valorizados uma vez que podem falar de suas dificuldades e dos dilemas vivenciados na velhice, bem como relatar suas experiências, descobertas e conquistas. Farias e Minó (2014) citam a relevância do

programa na vidas dos idosos e os benefícios que proporciona no envelhecimento ativo (OLIVEIRA et al, 2013, SILVA et al, 2013).

Com relação à possibilidade de os idosos participarem de projetos para ativar a memória e recompor suas lembranças, Bosi (1994) destaca que não é só o tempo "socialmente permitido" que os velhos têm para se dedicar às suas lembranças, e que possuem uma memória social atual mais contextualizada e definida, pois são expectadores de um quadro já finalizado e bem delineado no tempo. Aos mais jovens, ainda absorvidos nas lutas e contradições de um presente que os solicita intensamente, falta experiência para lidar com as lembranças. Portanto, a necessidade da criação dos grupos de convivência é fundamental para que os idosos tenham oportunidade de atualizar seus conhecimentos, trocar experiências, reconstruir memórias e ampliar o convívio social.

O projeto “Esta ruga tem história” é um espaço fértil para troca de experiências uma vez que os idosos se envolvem nas discussões e atividades apresentadas pelo grupo. Tudo isso permite o crescimento dos envolvidos, com uma valiosa construção de conhecimento entre professores e estudantes do projeto e os idosos, configurando-se como uma troca intergeracional que enriquece a vida de todos.

Os encontros consistem de discussões sobre temas que perpassam a velhice em diversas esferas da vida em sociedade, a partir de dinâmicas grupais, apresentação de mensagens, imagens vídeos. Durante as reuniões, os idosos têm oportunidade para expressar seus anseios, necessidades e dilemas enfrentados nos diferentes âmbitos da sociedade.

Os depoimentos dos idosos evidenciam os aspectos positivos da velhice e também como essa faixa etária é estigmatizada pela sociedade, o que dificulta o acesso à cidadania e participação social. Muitas vezes, falta paciência por parte das pessoas mais novas para lidar com os idosos, como evidenciam os seguintes excertos²:

Os jovens, às vezes, até riem, fazem crítica da gente [...] Muita gente tem preconceito sem querer, você está conversando e a pessoa sai e te deixa conversando sozinho. Está conversando comigo e dá as costas

²Depoimentos de idosos frequentadores do projeto “Esta Ruga Tem História”, reunião do dia, 28/11/2013, cujo tema foi: Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: A disseminação do preconceito à velhice. Os nomes dos idosos são fictícios.

para mim. Os jovens não sabem o que estão fazendo não dando atenção aos idosos. A maioria das pessoas quando vão conversar com os idosos já vai falando em um tom mais alto. Comigo mesmo isso acontece. (João, 81 anos).

Se chegar uma pessoa idosa e um jovem, eles atendem o jovem primeiro, aconteceu isso ontem na farmácia: chegou um jovem com a receita e a moça puxou a receita e atendeu o rapaz. Aí eu cheguei e falei: porque você não atendeu minha mãe primeiro? O rapaz chegou depois. Ele respondeu com um tom bravo. Você pergunta uma, duas vezes e ela responde com a voz alta. Deve ser porque não gostou do que falei. (José, 76 anos).

Os depoimentos dos idosos, referentes à forma como são tratados pela sociedade, principalmente com relação ao descaso revelado pelas pessoas que conversam com eles, mostram que a velhice não é uma fase positiva, mas marcada por fragilidade, dependência e inatividade. O fato de os mais novos terem preferência no atendimento comercial revela uma percepção de idoso como um consumidor de menor importância. Esse pouco valor atribuído aos mais velhos também é notada pela falta de paciência em ouvi-los, já que além de idosos, também são vistos com desimportantes e surdos.

Considerando as influências que a vida cotidiana exerce sobre nossa forma de pensar e de enxergar o mundo em que vivemos, é relevante destacar que um dos fatores que mais me motivou a pesquisar sobre as percepções que envolvem o tema velhice e envelhecimento é minha própria experiência como filha e cuidadora de uma idosa. Minha mãe foi acometida por um Acidente Vascular Cerebral (AVC) aos 60 anos de idade que deixou sequelas que comprometeram gravemente seus movimentos. Há 4 anos e meio, ela vive acamada, com muitas limitações e dependente de que alguém lhe traga alimentos e remédios em seu quarto. A higienização pessoal, os cuidados médicos de fisioterapia e a alimentação especial exigem dedicação constante. Não podemos contar efetivamente com apoios governamentais ou de políticas públicas para nos auxiliar nessa tarefa, como descreve Karsch (2003):

Apesar das mudanças ocorridas no cenário nacional em relação às políticas de proteção social ao idoso, estas ainda se apresentam muito restritas na oferta de serviços e programas de Saúde Pública, como na amplitude da sua intervenção. O Estado se apresenta como um parceiro pontual, com responsabilidades reduzidas, que atribui à família a responsabilidade maior dos cuidados desenvolvidos em casa a um idoso na dependência de outra pessoa. Constata-se que inexistente uma política mais veemente no que se refere aos papéis atribuídos às famílias e aos apoios que cabem a uma rede de serviços oferecer ao idoso dependente e aos seus familiares. (KARSCH, 2003, p. 863)

Considerando o atual fenômeno do envelhecimento e com a vivência na rotina diária desses cuidados, surgiu o interesse em pesquisar um pouco mais sobre o tema, buscando maior conhecimento e entendimento sobre os impasses que envolvem a velhice. Procuramos também contribuir para uma discussão sobre essa temática que envolve o indivíduo, a família e, enfim, toda a sociedade.

Nessa trajetória de estudos, percebi divergências de ideias, uma vez que, embora haja uma construção social negativa sobre a velhice, autores como Goldemberg (2013), Monteiro (2008) e Todaro (2009) mostram que essa fase da vida pode ser bem vivida e rica em aprendizagem.

Goldemberg (2013) cita exemplos de pessoas famosas que conseguiram envelhecer bem e, portanto, desfrutaram de um tempo produtivo em suas vidas, como Gilberto Gil, Ney Mato Grosso, Chico Buarque, Marieta Severo, Rita Lee, dentre outros. São pessoas que demonstram que envelhecer possui aspectos positivos e, por isso, influenciam a população no combate ao preconceito à velhice. Essas pessoas que possuem 70 anos ou se aproximam dessa idade são os “novos velhos” que fazem parte de uma geração que não aceita rótulos ou cria seus próprios rótulos (roqueiros, tropicália, etc.). Além disso, não vê a velhice como “vovozinhos ou vovozinhas” deslocados e alheios às transformações sociais. Esses idosos que descobriram seu lugar no mundo e se reinventam permanentemente influenciam gerações, transformando o comportamento e os valores, tornando a vida mais leve e a sexualidade mais livre e prazerosa. Além desses famosos, Goldemberg (2013) relata que existem várias pessoas anônimas com perfis semelhantes.

Caldas e Veras (apud Nascimento, Argimon e Lopes, 2006) também destacam que a inserção de pessoas idosas nas universidades vem se difundido por todo o país. O investimento nos estudos é uma das variáveis que pode influenciar a diminuição de doenças e aumento da expectativa de vida.

Monteiro (2008), por sua vez, destaca a importância do conhecimento, uma vez que o idoso quanto mais informado for, menos vulnerável estará à ditadura da beleza, terá maior qualidade de vida e poderá assumir seu corpo como ele é, preocupando-se apenas com a saúde mental e física. Segundo o autor, “O conhecimento nos protege das armadilhas dos mitos da beleza, das intenções interesseiras do mercado de cosméticos, das artimanhas de uma cultura que determina que ser velho é ser feio” (MONTEIRO, 2008, p. 25).

Considerando a possibilidade de um envelhecimento ativo e o desrespeito e a desvalorização observada nos depoimentos dos idosos frequentadores do projeto “Esta Ruga Tem História”, entende-se que a escola, enquanto instituição social, educadora e formadora de opinião deve buscar mecanismo para evitar a perpetuação de estigmas ligados à velhice. Dessa forma, buscamos, com a presente pesquisa, desvelar como crianças e adolescentes, estudantes de uma escola pública e outra particular, percebem a velhice. Além disso, almejamos investigar os investimentos da escola no estudo e na discussão sobre os aspectos ligados ao envelhecimento e às relações intergeracionais. Conforme Todaro:

O envelhecimento populacional é, assim, um fato que merece atenção, porque aumenta a probabilidade de convivência entre pessoas de diferentes idades e cria a necessidade de planejar políticas e práticas sociais que favoreçam a participação social dos idosos, aspecto central da cidadania. Em face dessa realidade, parece-nos necessário que as questões relativas a atitudes respeitadas façam parte dos conteúdos de ensino, compondo o currículo escolar, a fim de buscar educar para uma adequada convivência entre as pessoas, independentemente da diferença de idade (TODARO, 2009, p. 8).

A velhice, portanto, não deve ser vista apenas de forma negativa, considerando que existem diversos modos de envelhecer. Apesar de ser um processo biológico natural e para onde todos caminhamos, pesquisadores da temática sinalizam possibilidades de se envelhecer bem e com saúde. A intenção dessa pesquisa é compreender como a

família, a escola e a sociedade podem contribuir para encontrar caminhos que favoreçam um envelhecimento digno, justo, com saúde e qualidade de vida, diminuindo os estigmas que envolvem essa fase da vida, além de criar um espaço para discussão desse tema tão relevante para a sociedade atual.

A escola cumpre papel importante no sentido de preparar para a vida e promover uma boa convivência entre os idosos e as gerações mais novas. Dessa forma, busquei estudar o que os participantes da pesquisa - crianças e adolescentes - pensam sobre a velhice e as relações intergeracionais. Assim, investiguei uma escola pública e outra privada, visando desvelar como esses alunos se relacionam com os idosos e o que pensam a respeito deles.

1.3. Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo geral apreender as percepções de crianças e adolescentes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, de uma escola pública e outra privada, sobre o processo de envelhecimento, investigando quais aspectos da velhice eles consideram positivos ou negativos.

Especificamente pretende-se:

- Verificar o que os estudantes pensam a respeito da velhice;
- Investigar se as crianças e os adolescentes contribuem para a manutenção do estigma da velhice;
- Mapear as aproximações e distanciamentos entre os resultados das duas escolas;
- Averiguar os investimentos das escolas nos aspectos ligados ao envelhecimento e as relações intergeracionais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo buscou-se mostrar que não existe uma única velhice, mas velhices diferenciadas e multifacetadas em função da idade, saúde, condição econômica e social.

2.1. As múltiplas faces do envelhecimento e seus diversos condicionantes

O êxito do controle de natalidade e o aumento na qualidade de vida de boa parte da população estão resultando em uma população cada vez mais velha, o que se constitui em uma grande conquista para a sociedade contemporânea. Até mesmo países como o Brasil, que há pouco tempo era considerado um país jovem, revelam crescente aumento do número de idosos. Ao contrário dos antigos estereótipos veiculados no senso comum sobre a velhice, essa nova geração de idosos tem se caracterizado como uma parcela cada vez mais ativa, tanto em termos físicos, emocionais, sociais quanto econômicos.

Ferreira et al. (2010) estima que em 2025 a população brasileira será a sexta em número de idosos, como aproximadamente 14% da população total ou 32 milhões de idosos. A Organização Mundial de Saúde - OMS (2005) complementa com a previsão de que, no mesmo ano, 120 países terão taxas de fertilidade abaixo do nível de reposição da população, ou seja, teremos uma mudança na atual pirâmide etária, cuja tendência é que assuma contornos tipo um barril, com o estreitamento da base devido à baixa no número de natalidade e um alargamento no topo, devido ao aumento da expectativa de vida.

Visando superar a visão negativa da velhice, a partir do século XIX na França e do século XX no Brasil, houve um investimento para mudar os termos classificatórios dessa etapa de vida. Assim, o termo velho, bastante estigmatizado foi substituído por idoso e terceira idade. Recentemente houve um investimento da OMS na promoção do termo “envelhecimento ativo”. Ao contextualizar esses termos classificatórios, Peixoto (2006) afirma que na França do século XIX a questão da velhice se impunha para caracterizar as pessoas mais pobres. Quem tinha condições financeiras boas e administrava seus bens, tinha respeito e era chamado de idoso. Velho e velhote era

quem não ocupava boa posição econômica e social. Esses termos eram empregados para reforçar uma situação de exclusão social, já que ser velho significava e pertencer à categorização de idosos e pobres.

Conforme Peixoto (2006), a partir dos anos 1960, houve diversas mudanças econômicas e sociais que reverberaram na concepção sobre o envelhecimento. Nessa década, houve mudança na estrutura social e foi implantada a política social para a velhice. Além disso, a elevação das pensões fez aumentar o prestígio dos aposentados, com mudanças também nos termos de tratamento. Com isso, o termo “velho”, bastante pejorativo, foi substituído pelo termo “idoso”, um termo ainda mais valorizado pelos novos aposentados que começaram a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas. Assim o antigo cenário da velhice decadente melhorou ao ser associado à arte de bem viver. Surgiu, então, um novo termo para designar mais respeitosamente esses aposentados: “Terceira Idade”, o que traz uma concepção de envelhecimento ativo e independente.

Ancorada no termo “Terceira Idade”, surgiu uma nova perspectiva em relação à forma de ser ver e viver a velhice, como demonstram os estudos de Peixoto (2006), que apregoam que o termo representa um velho saudável e dinâmico, que depois da aposentadoria possui mais tempo livre e busca ocupar esse tempo com viagens, atividades físicas, estudo, participação em centros de convivência, namoro e lazer.

Ainda segundo Peixoto (2006), no Brasil a conotação negativa do vocábulo “velho” seguiu um processo parecido ao da França, porém mais recente por volta dos anos de 1960. Embora o termo velho não seja tão pejorativo quanto na França ele se confunde com idoso, porém o segundo traz uma conotação mais respeitosa. Em 1988, com a nova Constituição brasileira, reconheceu-se a importância da questão da velhice, estabelecendo o valor da aposentadoria baseada no salário mínimo. Estabeleceu-se, assim, três grandes etapas: a infância e adolescência (tempo de formação), idade adulta (tempo de produção) e a velhice (tempo do repouso, do não trabalho). A rubrica de “Terceira Idade” é muito empregada no Brasil a proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. Dessa forma, o termo “idoso” traria uma concepção de pessoa mais velha e a expressão Terceira Idade se referiria a jovens velhos, aposentados dinâmicos, como na França. A concepção de “Terceira Idade” ligada a pessoas dinâmicas que querem ter saúde e aproveitar a vida fez surgir um novo

mercado ligado a turismo, alimentos e produtos de beleza. Fez também surgir uma demanda por novos profissionais, gerontólogos, geriatras etc..

Segundo Santos (2010), o critério para conceituar o indivíduo idoso é variável de acordo com o desenvolvimento do país. Nos países ditos desenvolvidos, são consideradas idosas aquelas pessoas com idade igual ou superior a 65 anos. Em país em desenvolvimento, o idoso é visto como o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos. Essa definição foi estabelecida pela Organização das Nações Unidas em 1982 na Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas Sobre o Envelhecimento da População.

Apesar da homogeneidade numérica quanto à idade para se iniciar a velhice, essa fase da vida pode assumir contornos muito variados, em função da heterogeneidade da população em termos de renda, saúde, escolaridade, etc.. É preciso ainda considerar que existem velhos mais novos, com idade mais próxima dos 60 anos e outros mais velhos, com idades em torno dos 80 anos, como também há os velhos centenários.

Segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS (2005), a idade cronológica não é homogênea, pois existem diferenças nos aspectos de saúde, participação em atividades de trabalho, lazer e níveis de independência. Por isso, as políticas públicas voltadas a esse público também não podem ser homogêneas se pretendem ser efetivamente significativas na melhoria da qualidade de vida da população e no desenvolvimento do país.

Conforme destaca Assis (2005), não é possível estabelecer uma relação direta entre as idades biológica e cronológica. Dessa forma, é possível considerar a velhice em três esferas, *Velhice Patológica* (aquela com agravamento de doenças existentes e surgimento de outras que são típicas da idade), *Velhice Normal* (com alterações biológicas, psicológicas e emocionais, mas sem doenças) e *Velhice Ótima* (com padrão de vida comparados aos indivíduos mais jovens). Porém Strutton (apud Assis, 2005) ressalta que, no imaginário popular, a velhice ainda é considerada uma fase normal e inevitável, como declínio biológico do ser humano, sempre associado ao mal-estar, doença e dependência. O autor ainda considera que essas representações são muitas vezes reforçadas pela própria medicina uma vez que tratam a velhice com o se fosse uma doença.

A sociedade capitalista em que vivemos apregoa que todo ser humano seja visto como uma mercadoria. Como confirma Antunes (1997, p 124), “No modo de produção capitalista, o trabalhador é reduzido a uma mercadoria, à medida que vende sua força de trabalho para o capitalista em troca de um salário”. Por isso, quando o indivíduo se insere no mercado de trabalho, para ser um bom produtor de serviços se torna necessário ter disposição e boa saúde, o que significaria altas produtividade e rentabilidade. Como os estereótipos com relação à velhice são geralmente ligados à aparência e, principalmente, à ociosidade, o idoso não se encaixa na lógica de mercado e, conseqüentemente, no modelo social visto como ideal. Isso faz com que a população veja o idoso de uma maneira depreciativa, como um ser dependente, muito associado às despesas públicas e privadas com saúde e aposentadoria.

Embora a Organização Mundial de Saúde - OMS considere como idosos as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, existem vários tipos de velhice e várias formas de envelhecer, como há também diferentes percepções sobre o assunto. Em função da pluralidade do termo, torna-se necessário discutir as múltiplas faces da velhice, em seus aspectos biológicos, econômicos, sociais e culturais.

2.2. Aspectos biológicos da velhice

Segundo as assertivas de Motta (2002), no imaginário social, o envelhecimento é um processo natural que se desenrola com desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, e termina somente com a morte. Raramente se pensa em algo positivo sobre a velhice ou que essa fase possa oferecer algum bem. Por isso, é comum que as pessoas se refiram a esse processo como uma “viagem ladeira abaixo”, como destaca a autora.

Ferreira descreve que o envelhecimento pode ser um processo de alterações fisiológicas e patológicas que poderia causar dependência. Porém “a dependência não é um estado permanente, mas sim um processo dinâmico, cuja evolução pode se modificar e até ser prevenida ou reduzida, se houver ambiente e assistência adequados” (FERREIRA et al., 2010 p. 1066).

As especificidades da velhice e as mudanças trazidas por ela, muitas vezes não são vistas como um processo natural, mas sim como doença. Devido a isso, a dor é comumente associada à essa fase. Algumas pessoas quando sentem uma dor dizem: “Estou ficando velho!”. Isso acontece não apenas nas classes mais populares, logo em qualquer cenário a velhice é apontada como a fase de perdas e dores. Nesse sentido, Motta (2002) destaca que o Autor Paulo Autran, em uma entrevista a um programa de televisão, relatou que: “Ser velho é sentir uma dor a cada dia”. Diante do exposto:

As perdas são tratadas principalmente como problemas de saúde, expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descolorimento dos cabelos, ‘enfeimento’, reflexos mais lentos, menos agilidade. (MOTTA, 2002, p. 41).

Dentre os aspectos biológicos do envelhecimento, é comum, na velhice, a pele se destonificar e ficar enrugada; o equilíbrio ficar comprometido, levando a tombos; os ossos enfraquecerem e ficarem sujeitos a fraturas; a audição ficar comprometida; a visão passar a ter problemas como catarata; além de a agilidade tornar-se reduzida. A pessoa também pode ser acometida de outras enfermidades como diabetes, pressão alta e problemas cardíacos. Esses problemas também podem afetar as pessoas mais novas, mas são mais comum nos idosos. Por isso, frequentemente alimentam uma visão depreciativa e preconceituosa da velhice. Dessa forma, Ferreira destaca que:

Os discursos dos idosos sobre o envelhecimento ativo são permeados por conteúdos positivos. No entanto, quando não está associado à palavra ativo, o envelhecimento ainda é representado como perdas e incapacidades. (FERREIRA et al, 2010, p.1065).

Em função da longevidade, das especificidades da velhice e dos problemas vividos pelas pessoas idosas, muitos deles necessitam de atenção especial. Por isso, Camarano (2010) aponta para o fenômeno da carência de cuidadores que vem ocorrendo no Brasil, com o envelhecimento da população e a redução da taxa de fecundidade. Como a oferta de cuidado familiar diminui à medida que a sua demanda aumenta, a

família, principalmente os próprios cônjuges que também são idosos, continua desempenhando o papel de principal cuidadora dos seus idosos.

Essa realidade sobrecarrega muitas famílias, levando cuidadores a dedicação total, uma vez que sentem ser um dever moral cuidar do outro mesmo que tenham que renunciar até aos cuidados com a sua própria vida. Devido a isso, exige a necessidade de estabelecer ações governamentais e políticas públicas que ampare a velhice, oferecendo alternativas de cuidados aos idosos dependentes e aos seus cuidadores, evitando que somente os membros da família sejam responsáveis por seus idosos.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMC), até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. Infelizmente ainda é grande a desinformação quanto à saúde e as especificidades que envolvem o idoso. Esse crescimento da expectativa de vida, como já mencionado precisa ser acompanhado de políticas públicas que tragam efetivas melhorias e manutenção na qualidade de vida dos idosos. Conforme defende Camarano:

Não se tem dúvidas de que as mudanças em curso impõem o reconhecimento da necessidade de se estabelecer políticas públicas que possibilitem alternativas de cuidados não familiares ou formais a determinados idosos, bem como de incentivar a participação do mercado privado na oferta de serviços (CAMARANO, 2010, p. 15).

Camarano (2010) também defende que o cuidado institucional envolve atenção integral e por todo o tempo a pessoas idosas em instituições de residência. Nesse caso, estão incluídas as instituições que dão abrigo aos mais pobres. São as mais comuns e antigas modalidades de cuidado em quase todo o mundo. Porém, esses espaços podem remeter os idosos ao isolamento e, por isso, são estereotipados e marcados por preconceitos. São esses aspectos biológicos, considerados decadentes, ligados à velhice pobre e ao abandono que alimentam os preconceitos e estigmas relacionados à velhice.

Muitos idosos também enfrentam problemas ligados à pobreza, fruto da imensa desigualdade social que assola o país. Camarano (2010) destaca que, para idosos que viveram em acentuada desigualdade social durante toda a vida e que foram muito pobres, possivelmente a velhice apenas acrescentará desvantagens fisiológicas, psicológicas e sociais. Essas desvantagens se acrescentam à privação crônica de oportunidades para cuidar da própria saúde de seus familiares. Como consequência,

prevalece um maior índice de doenças crônicas, fragilidade, incapacidades, depressão e déficit cognitivo entre os idosos mais pobres e, principalmente entre as mulheres e os menos escolarizados.

Minayo e Coimbra Júnior (2002) completam que o que torna a velhice sinônimo de sofrimento, mais do que doença e dependência, é a solidão e o abandono. Embora geralmente as famílias cuidem de seus parentes idosos, algumas situações podem alterar os sistemas tradicionais de cuidado. Por isso as famílias não podem ser as únicas responsáveis pelo cuidado com os idosos. Pressupõe-se que todos os membros da família devam ter uma relação saudável entre eles e que é obrigação da família cuidar dos mais idosos. Porém existem conflitos familiares internos que podem desencadear o abandono.

Esses sofrimentos costumam ser muito mais dramáticos para a população pobre, que acaba lotando os asilos públicos e conveniados, quase todos em situação de flagrante abandono ou padecendo, cronicamente, da falta de equipamentos e de pessoal especializado. (MINAYO e COIMBRA JÚNIOR, 2002, p. 17).

Em instituições asilares ou nas residências, existem casos de idosos abandonados, alguns moram sozinhos e não recebem qualquer apoio de familiares, vizinhos e amigos, como destaca Motta (2002):

Por um lado, há no país uma tradição de manter os mais velhos em casa e envolvê-los em laços afetivos, numa convivência intergeracional. Por outro, as experiências mostram que essa convivência nem sempre é boa. Frequentemente a pessoa do idoso é vista como um peso, pelos cuidados que requer em termos de alimentação, higiene, atenção médica, prevenção de acidentes, entre outros. Mas sua presença é igualmente apontada como fonte de dificuldades relacionais: são avós e netos que discutem por variados motivos, idoso e filho(a) que também divergem quanto aos hábitos e valores, sobretudo os referentes à criação da nova geração. (MOTTA, 2002, p. 147).

Além dos aspectos biológicos, é preciso também considerar os fatores econômicos envolvidos na velhice, pois, dependendo da condição de riqueza e pobreza, os idosos terão um estilo de vida diferenciado, marcado por privações e pobreza ou oportunidades de viajar e aproveitar a vida. Embora muitos idosos tenham realizado árduos trabalhos em suas vidas, seja no âmbito doméstico ou em atividades rurais, muitos deles, principalmente as mulheres, nunca tiveram salário e têm na aposentadoria a primeira oportunidade de ter um dinheiro, como mostram os dados de Farias, Oliveira e Saraiva (2016). Isso pode contribuir para que se sintam mais autônomos e independentes e capazes de adquirir bens que lhes dê satisfação pessoal.

2.3. Aspectos socioeconômicos da velhice

Apesar do estigma frequentemente veiculado em nossa sociedade do idoso como ocioso e incapaz, muitos deles sustentam a família, seja com dinheiro da aposentadoria, ou com capital econômico acumulado no decorrer da vida. Segundo Motta (2002), a aposentadoria do idoso, em algumas situações, representa o sustento de toda a família. Além disso, alguns jovens e adultos cuidadores se sentem no direito de reivindicar para si o dinheiro da aposentadoria dos idosos, já que estão cuidando deles. É recorrente ainda o protesto entre idosos que participam de grupos, que afirmam que os mais jovens não podem usurpar do dinheiro dos mais idosos, já que trabalharam dignamente para consegui-lo. Há ainda vários casos no Brasil de jovens que dependem da aposentadoria dos idosos, devido ao desemprego ou a problemas com drogas (ALCÂNTARA, 2010).

A grande maioria dos idosos compreende que a aposentadoria é de quem a recebe, e não dos filhos; estes devem trabalhar, como os idosos já fizeram; se os idosos querem ajudar, podem fazê-lo de forma que beneficie todos os filhos. (MOTTA, 2002, p. 147).

Apesar da relevância da aposentadoria na vida dos idosos, Peixoto (apud Nascimento, Argimon e Lopes, 2006) aponta que apenas 58% da população com idade de aposentadoria são beneficiados e que 1/3 dessa população (aposentada ou não) ainda trabalha. Esses dados refutam o mito da velhice estática e improdutiva presente no imaginário popular, uma vez que, apesar de todo o preconceito, as pessoas idosas ainda

participam ativamente da economia mundial, sendo inclusive as principais fontes de renda em muitas famílias.

Outro aspecto relevante na configuração da pluralidade da velhice deve-se ao capital social dos idosos. Muitos deles, por ter uma condição financeira favorável e por gozar de boa saúde, têm oportunidade de aproveitar o tempo da velhice para viajar e se divertir.

Em função desse público de idosos ativos é que surgiu a termo Terceira Idade, conforme já discutido. Essa visão do envelhecimento ativo foi amparado pelas políticas da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o envelhecimento ativo. Conforme Ferreira:

O envelhecimento ativo corresponde ao equilíbrio bio-psicossocial e à integralidade de um ser humano que está inserido em um contexto social e que, embora idoso, ainda é capaz de desenvolver as suas potencialidades (FERREIRA et al, 2010, p.1069).

As estatísticas sobre o envelhecimento humano mostram que os idosos representam uma parcela cada vez maior da sociedade. Por isso, não se pode negligenciar a temática envelhecimento com a desculpa de que idosos são uma pequena parcela inativa da população.

O Programa do Ministério da Saúde “Brasil Saudável” envolve uma ação nacional para criar políticas públicas que promovam modos de viver mais saudáveis em todas as etapas da vida, favorecendo a prática de atividades físicas no cotidiano e no lazer, o acesso a alimentos saudáveis e a redução do consumo de tabaco. Estas questões são a base para o envelhecimento saudável, um envelhecimento que signifique também um ganho substancial em qualidade de vida e saúde. (WORLD HEALTH ORGANIZATION et al., 2005, p. 3).

Como as pessoas idosas podem ser econômica, social e academicamente ativas, surge o conceito de Envelhecimento Ativo, adotado pela OMS no final da década de 1990, em substituição da expressão Envelhecimento Saudável. O “ativo” nesse caso toma o conceito de participação permanente do indivíduo com mais de 60 anos nas questões sociais, políticas, econômicas, culturais, espirituais, civis, etc. Não mais se prendendo ao indivíduo apenas fisicamente ativo e/ou que faz parte da força de trabalho

(DUARTE, 2007). O fato de a pessoa idosa ter que lidar com diferentes problemas de saúde não lhe exclui a possibilidade de vivenciar um envelhecimento ativo.

O envelhecimento ativo enquanto políticas públicas voltadas para o bem estar da população pode ser potencializado com o funcionamento efetivo dos núcleos de convivência de idosos, a instalação de academias ao ar livre, o acesso gratuito a transportes públicos, dentre outros.

Os contornos da velhice aqui apresentados nos possibilitam concordar com Minayo e Coimbra Júnior (2002), quando afirmam que cada pessoa vivencia o envelhecimento de uma forma. Portanto, o envelhecer não é homogêneo. Nesse sentido, deve-se considerar a história particular e os aspectos estruturais de cada indivíduo, como classe, gênero e etnia. Atrelados a eles estão saúde, a educação e as condições sociais e econômicas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1. Aspectos éticos

Após ser defendido perante uma banca, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Viçosa para avaliação, tendo sido aprovado sob o nº 1.139.709. Essa aprovação indica que o projeto atendeu a todas as exigências da Resolução 466/2016 que dispõe sobre os princípios éticos a serem considerados na pesquisa com seres humanos.

A fim de observar esses princípios, os responsáveis pelas escolas foram consultados sobre a possibilidade de realização da pesquisa e assinaram uma autorização para a coleta de dados. Os participantes adultos (professores, coordenadores e pais ou responsáveis pelas crianças) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE - (Apêndice 1) e os adolescentes (acima de 12 anos) assinaram um Termo de Assentimento³. O TCLE foi elaborado com linguagem de fácil entendimento e foi explicado e entregue individualmente aos sujeitos antes da pesquisa para assinarem. A pesquisa só foi realizada após a entrega do TCLE assinado pelos pais das crianças, o termo de assentimento pelos adolescentes e o TCLE pelos adultos pesquisados.

Os termos apresentavam os objetivos do estudo, os procedimentos de coleta e de análise dos dados da pesquisa. Nesse instrumento explicitou-se, ainda, a liberdade do sujeito em se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum ônus e/ou prejuízo a sua pessoa. Foi discriminada ainda a garantia do sigilo no nome dos participantes, visando assegurar a privacidade quanto aos dados envolvidos no estudo. Os documentos foram elaborados em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e a outra com o sujeito pesquisado.

³ Os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Assentimento foram elaborados em conformidade com as exigências da Resolução nº 466, 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos.

3.2. Contexto do estudo

Esta pesquisa foi desenvolvida na cidade de Viçosa, localizada na região da Zona da Mata norte do Estado de Minas Gerais, que segundo os dados do IBGE (2010), sua população está em torno de 72.220 habitantes. O município é caracterizado socioeconomicamente como pouco industrializado, com atividade agrícola voltada para o atendimento do mercado local e regional. A presença da Universidade Federal de Viçosa, como a maior fonte geradora de empregos, devido ao grande número de servidores, fez com que a cidade se tornasse uma das principais da microrregião, sofrendo rápida e intensa migração. No Censo 2010, foi apurado o total de 7.965 habitantes acima de 60 anos. Esse total corresponde a 11% dos habitantes, o que sinaliza que o número de idosos nesta cidade ultrapassa a média do país e do estado que é de 21 milhões de pessoas com mais de 60 anos em todo o país, conforme registro do IBGE de 2010, p.191.

Em relação às cidades vizinhas, Viçosa é considerada referência, pois além da universidade federal, possui também três faculdades particulares e duas credenciadas para ensino superior a distância. Tanto as faculdades particulares quanto a UFV possuem projetos de extensão que beneficiam a população idosa local e da região. Vários docentes e discentes das instituições de ensino superior atuam no Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI). Além disso, uma das faculdades oferece o curso de Fisioterapia que também tem o programa de extensão na ajuda de reabilitação de pacientes idosos.

Para realização da presente pesquisa, delimitar como contexto de investigação uma escola pública e outra particular. Essas instituições seguem a supervisão técnica e a orientação normativa da 33ª Superintendência Regional de Ensino⁴ de Ponte Nova – MG. Segundo dados dessa Superintendência, há em Viçosa 33 escolas da rede pública (11 estaduais, 21 municipais e uma de ensino médio federal) e 30 da rede privada.

A escolha por realizar a pesquisa em uma escola pública e outra particular foi feita a partir das especificidades de cada uma, como localização, público atendido e

⁴ Superintendência Regional de Ensino, com sede em Ponte Nova/MG, fica a 45 Km de Viçosa/MG. http://srePontenova.educacao.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1214&Itemid=100059. Acesso em: 18/01/2016.

proposta pedagógica. O critério de seleção das escolas foi a autorização concedida pelos diretores.

Foram pesquisados alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, ou seja, em sua maioria, eram crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 14 anos; idade considerada suficiente para expressar opinião acerca da temática da pesquisa. São consideradas crianças até os 10 anos de idade. No 5º ano é que estavam o maior número de crianças.

Na escola pública, participaram do estudo 5 turmas (5º ao 9º ano), num total de 180 estudantes, na escola privada, participaram 55 estudantes de duas turmas do 5º ano e 8 participantes do 6º e 7º anos da escola privada, com um somatório de 236 alunos nas duas escolas. A participação dos alunos foi espontânea, o que justifica a ausência de alguns estudantes e turmas. O número maior de participantes da escola pública se deve as classes com muitos alunos, além das especificidades da pesquisa que foge do controle da pesquisadora, como será explicado no item 4.1 intitulado: O Contexto onde se deu a pesquisa de campo.

A coleta de dados foi iniciada na escola pública, localizada num bairro próximo ao centro cuja entrada principal se dá para uma avenida de grande importância, que corta a maior parte do bairro facilitando o acesso ao centro e às ruas menores. Seu espaço físico é grande e possui bom estado de conservação, as salas são amplas e arejadas. Apesar de ser bem localizada, a escola atende principalmente aos alunos de uma favela⁵ que se encontra próxima.

O termo favela ainda que pareça depreciativo devido ao peso das condições de vida, em alguma medida de forma precária vivida por seus habitantes, trata de maneira clara o contexto que queremos representar segundo o lugar no qual está sendo descrito. Gouveia (2007) menciona que “nesse movimento protagonizou-se um cenário próprio – a favela – que muitas vezes, terminaria por situar personagens, textos e contextos em posições coadjuvantes, em face da carga representativa que essa nomeação comporta”.

A escola possui uma população de jovens que vivem expostos à criminalidade. Na favela onde vivem, as pessoas são de baixa condição financeira e baixo nível escolar.

⁵ Decidimos utilizar o termo favela, porque embora atualmente haja uma tendência da utilização do termo comunidade periférica para evitar estigmas, devemos considerar que em termos políticos e científicos, é mais comum a utilização do termo favela, até mesmo para descrever uma realidade que tende ser camuflada por termos que não descrevem integralmente uma realidade, maquiando-a.

Com o intuito de facilitar o acesso, na parte de trás da escola, foi improvisado um caminho (trilha) que leva até a favela. Os estudantes que chegam por essa trilha descem um morro bastante íngreme, com relva alta, barro e probabilidade de animais peçonhentos. Na ocasião da pesquisa, verificou-se a presença de várias crianças e adolescentes subindo e descendo por esse caminho.

Apesar de todos os problemas de recursos que as escolas públicas apresentam, a instituição em questão demonstrava boa infraestrutura. A recepção por parte da direção foi positiva e eles deram total abertura para a pesquisa. Logo no primeiro contato foi possível marcar o início das primeiras visitas sem maiores exigências.

Nas salas de aulas encontramos uma população predominantemente negra, mas com certo nível de *empoderamento* em relação à sua afro-descendência. Como destaca Lisboa (2002), o *empoderamento* refere-se a “um poder que afirma, reconhece e valoriza, ao invés de um poder que oprime, domina e anula.” Na visão do autor, esse é “um processo que oferece condições e possibilidades às pessoas de autodeterminar suas próprias vidas” (LISBOA, 2002, p. 42 apud RAPPAPORT, 1985). Esse empoderamento em relação à valorização das raízes africanas é decorrente da participação em um grupo dentro da comunidade que defende a cultura negra e sua beleza.

Na abordagem junto aos alunos da escola pública, observamos uma clara necessidade de atenção que se traduz no mau comportamento. A vontade de participar e ser ouvido superava a imposição do bom comportamento. Os adolescentes não usavam uniformes, mas um vestuário sensualizado, como saias e shorts curtos, calças muito justas e blusas ousadas.

Os encontros, seguindo as orientações da vice-diretora foram um com cada turma, assim os impactos na rotina escolar seriam pequenos. Foram um total de cinco grupos, na turma do 5º ano que possuía 35 alunos, 37 no 6º ano, 34 no 7º ano, 40 no 8º ano e 34 alunos no 9º ano, totalizando 180 alunos nas cinco turmas da escola pública.

Apesar de dispersos, os alunos do 5º ano da escola se destacaram das demais turmas, pois foram os que mais participaram da pesquisa. Ao tocarem as imagens, eles foram comentando sobre elas. Nas outras classes, falou-se pouco sobre elas.

No 6º ano, os alunos também estavam dispersos, inquietos e falantes. Porém, quando introduzimos as questões que norteariam a conversa, as respostas começaram a

fluir, mas, algumas vezes, foi preciso a intervenção da professora para que pudéssemos ouvir os depoimentos, porque falavam muito e ao mesmo tempo.

No sétimo, oitavo e nono anos, as turmas se assemelhavam na aparência, no comportamento, no espaço físico e nas respostas às imagens e às perguntas. As salas estavam muito cheias, os alunos agitados, falantes e dispersos. Após apresentação das imagens, perguntamos se queriam dizer algo sobre elas e eles permaneceram calados. Partimos, então, para as perguntas norteadoras. Apesar de falarem muito e não ouvirem os colegas, as respostas, em sua maioria, reportaram a aspectos negativos da velhice. Porém, alguns alunos apresentaram percepções interessantes sobre os idosos como inativos e também ativos.

A segunda etapa da pesquisa foi em uma escola da rede privada, localizada no centro da cidade, rodeada por bairros de classe média/alta, mas também possui como vizinhos outros bairros com a população mais pobre. A escola atende predominantemente crianças, jovens e adolescentes que residem nos bairros mais ricos. Portanto, é frequentada por alunos que possui uma condição financeira mais favorável, considerando os valores das mensalidades que são bastante altos.

A escola está situada em uma movimentada avenida da cidade, tornando-a de fácil acesso. Percebeu-se nas salas de aula uma população predominantemente branca. Esses estudantes têm mais contato com tecnologias, a grande maioria possui e fazia uso de celulares de última geração. Diferentemente dos estudantes da escola pública pesquisada, estes apresentaram um alto grau de disciplinamento. Não ficavam o tempo todo querendo fazer algo para serem percebidos, demonstrando carência de atenção. Nesse caso, percebeu-se uma necessidade de aprovação, por isso as respostas dadas foram comedidas, mais escassas e menos espontâneas, revelando um possível receio de serem repreendidos ou criticados pelas suas opiniões. Apesar disso o disciplinamento favoreceu a organização dos debates.

Quanto à pesquisa na escola privada, nem tudo saiu conforme planejado. Diferente da escola pública, que com apenas um primeiro contato foram abertas as portas para que a pesquisa fosse desenvolvida e o trabalho fluiu como o planejado, na escola privada encontramos dificuldades para desenvolver o trabalho.

Adentrar em uma escola da esfera privada para desenvolver uma pesquisa, pode não ser tarefa tão simples. No caso da presente pesquisa, se configurou em uma longa

jornada para coleta de dados. Foram muitas idas e vindas e muitos contatos em vão, sem contar o tempo de espera por respostas que, na maioria das vezes, foram negativas. Foram quatro meses de tentativas e espera até conseguir uma escola que possibilitasse a realização da pesquisa.

A intenção inicial era pesquisar uma escola particular localizada no mesmo bairro que a escola pública. Ao fazer o primeiro contato com a possível escola, a coordenadora pedagógica marcou uma reunião com a outra coordenadora que trabalhava com as turmas do 5º ao 9º ano. Essa coordenadora destacou que seria necessário que o projeto fosse aprovado inicialmente pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos antes de agendarmos a data. Após a aprovação do projeto pelo Comitê, houve cinco tentativas de encontrar novamente com a coordenadora pedagógica, mas todas foram em vão. Assim, não foi possível definir um horário para agendar uma segunda conversa, até que concluí que ela não queria me atender.

Mudei de estratégia e procurei outra escola. Ao conversar com a coordenadora pedagógica, fiquei entusiasmada porque ela se mostrou pronta a colaborar, disse ter gostado do projeto e considerava o tema muito relevante. Entretanto no encontro seguinte, listou uma série de empecilhos para que não desenvolvesse a pesquisa. O argumento mais forte foi que os professores não gostavam e não queriam ser interrompidos. Assim, mais uma vez, agradei e desisti. A partir de então, percebi que a pesquisa de campo seria muito mais complicada do que o esperado.

Procurei mais duas outras escolas. Em uma delas, a diretora se propôs a montar um projeto maior com a temática, que duraria no mínimo um mês, no qual seria trabalhado a temática com todas as turmas numa disciplina que teria cunho ético, visando amenizar os possíveis estigmas ligados à pessoa idosa. Porém ela disse que isso só seria possível no início do ano letivo de 2016 e por conta dos prazos da pós graduação que precisavam ser cumpridos, não pude aceitar a contraproposta da diretora.

Na quarta escola, a diretora também disse ter gostado muito do projeto e considerava o tema muito relevante. Afirmou que já havia pensado em trabalhar com as crianças e adolescentes uma forma de levá-los a refletir sobre as limitações físicas vividas por muitos idosos. Dentre as estratégias que ela pensou foi colocar um tampão nos ouvidos para reduzir a audição, considerando que na velhice há uma propensão de se ouvir menos. Ela também considerou colocar um peso nos pés para simular uma

dificuldade para andar, etc.. Partindo desse desejo, a diretora autorizaria a desenvolver a pesquisa e posteriormente eu a ajudaria a colocar em prática seu projeto.

Deixei a escola satisfeita por ter encontrado uma instituição privada que permitiria, enfim, a realização da pesquisa. Agendamos um segundo encontro para a próxima semana. Cheguei pontualmente, esperei bastante até ser atendida e ouvi da mesma pessoa (a diretora) que, naquele momento, não poderia desenvolver a pesquisa por conta das demandas da escola, que estava atrasada em cumprir o seu planejamento e que não daria tempo de acrescentar mais nada. Agradei mais uma vez e continuei a busca por outra escola privada, que autorizasse a realização da pesquisa.

Na quinta tentativa, já bastante desanimada, enfim consegui uma escola que permitiu que a pesquisa fosse realizada, porém colocou algumas ressalvas. Nas duas turmas do 5º ano, a pesquisa fluiu como planejado, pude fazer dois grupos focais, sendo um com cada turma. Nas outras a coordenadora de projetos da escola propôs que reuniria as turmas do 6º ao 9º ano em uma única reunião fora do horário das aulas. Cerca de três semanas depois, marcou um dia e um horário que seria mais propício aos alunos e, como motivação, fez um certificado para cada participante. Solicitou que além da pesquisa eu levasse uma palestra com a mesma temática para que a reunião tornasse mais interessante e prendesse mais a atenção dos alunos e possibilitasse aprofundar mais na discussão da temática.

A palestra que a coordenadora propôs tinha o intuito de apresentar o lado bom de envelhecer. Na ocasião foi feito primeiro a pesquisa para não interferir ou influenciar as respostas e depois começamos a palestra, que teve uma hora de duração e tematizou a beleza da velhice a partir de dois ensaios fotográficos. Um do fotógrafo alemão Karsten Thormaehlen, que fotografou idosos com mais de 100 anos e outro do brasileiro Victor Adp que, atendendo ao pedido dos filhos, fotografou um casal de idosos que completavam 40 anos de casados. Apesar de comparecerem apenas oito alunos para a palestra, cinco do 6º ano e três do 7º ano, a coleta de dados foi produtiva, os alunos participaram e demonstraram interesse pelo tema.

As primeiras turmas da escola privada em que foi desenvolvida a pesquisa foram as duas do 5º ano. Observou-se que possuíam turmas menores em relação à escola pública, sendo a 1ª turma com 24 alunos e a 2ª com apenas 23 alunos. As duas turmas apresentavam comportamentos muito semelhantes. Logo no começo das atividades com as turmas, observamos que estavam todos uniformizados e assentados com as carteiras

em fileiras, demonstrando ser crianças bem comportadas, que falavam pouco, ouviam atentamente e, diante da mínima conversa paralela, apenas com um sinal da professora, calavam-se.

Não foi difícil ouvir cada depoimento, mas falaram menos, eram mais comedidos, pareciam pensar antes de falar, com receio de dizer alguma coisa que parecesse sem sentido. Demonstravam preocupação com o julgamento das pessoas presentes. Com isso, participaram muito menos que os alunos da escola pública.

Uma criança levantou a mão para falar e logo se fez total silêncio para que ela falasse. Toda a turma se virou para ouvi-la, mas ela abaixou a cabeça e, com a expressão acanhada, falou: “não, pode deixar, não vou dizer nada, não”. Com o seu comportamento inferi que talvez estivesse constrangida ou temerosa de dizer algo e ser criticada pelos colegas. Insisti um pouco para que ela se pronunciasse, mas não o fez.

Ao receberem as imagens, as crianças olharam atentas, mas comentaram pouco. Mesmo diante das questões norteadoras, elas continuaram inibidas a participar.

No encontro com as demais turmas da escola privada, percebemos os alunos muito tímidos, só participaram cinco alunos do 6º ano e três do 7º da escola privada, das outras turmas ninguém compareceu. Eram bem comportados, envergonhados e falaram baixinho. Foram muito pouco participativos ao verem as imagens e ao responderem as questões norteadoras.

3.3. Caracterização da pesquisa

O estudo foi desenvolvido com base na metodologia qualitativa, que considera o universo das percepções, significados e subjetividades. Para a coleta de informações relativas às percepções dos estudantes sobre a velhice, recorreu-se a entrevistas grupais, com o intuito de promover um debate sobre a temática com os estudantes.

Para Gil (2012), as entrevistas grupais são formas de entrevistas, baseadas na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico, sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo. A partir de um grupo de participantes selecionados, busca-se colher elementos que possibilitam compreender percepções sobre um tema.

Essas entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, com o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Mas também podem ser utilizados para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas designadas como qualitativas. (GIL, 2012, p. 114).

Na presente pesquisa foram feitos oito grupos, sendo cinco na escola pública e três na escola privada, buscando desvelar o que os adolescentes em estudo pensam sobre o envelhecimento e a participação dos idosos na sociedade. As falas foram estimuladas por meio da apresentação de imagens de idosos em diferentes situações como cadeirantes, acamados, namorando ou fazendo diferentes atividades como esportes, estudo, leitura, lazer, dança, recreação, jogos e uso do computador. As figuras utilizadas para os grupos, foram impressas e plastificadas para permitir que cada aluno pudesse manuseá-las enquanto faziam comentários sobre o que representavam para eles. As imagens são apresentadas a seguir.



Imagem 1: Idosa com sua cuidadora
Fonte: Portal Folha Regional⁶

⁶Disponível em: <http://jfolharegional.com.br/mostra.asp?noticias=16764&Classe=> Acesso em março/2015.

A imagem 1 apresenta uma idosa assentada em uma cama, com um pijama cor-de-rosa, cabelos grisalhos, em um ambiente hospitalar, sendo cuidada por uma outra moça que aparenta uns 35 anos que se veste e se comporta como uma enfermeira. A idosa aparenta tranquilidade e segurança em relação ao cuidado e a cuidadora, que demonstra ser gentil e atenciosa com a paciente.



Imagem 2: Avó ensinando neta a cozinhar
Fonte: Banco de Imagens do Fotosearch⁷

A imagem 2 mostra uma idosa, de cabelos grisalhos, com roupas em cores pastéis, envolvendo gentilmente uma criança com os braços. A criança é uma menina de pele branca e cabelos castanhos, com um vestido jeans e blusa cor-de-rosa. A idosa está ensinando a criança técnicas de preparação de alimentos. As duas parecem estar em uma cozinha e demonstram satisfação e alegria com a atividade desenvolvida.

⁷ Disponível em: <http://www.fotosearch.com.br/BLD032/bld062208/> Acesso em março/2015



Imagem 3: Idoso lendo um livro para um bebê
Fonte: Blog criando meus filhos⁸

A imagem 3 mostra um idoso e um bebê, assentados em uma poltrona no interior de uma casa. O idoso é calvo, está usando óculos e camisa xadrez e está lendo um livro para um bebê de aproximadamente 1 anos, do sexo masculino. O bebê que está assentado no colo do idoso possui pouco cabelo e está usando uma roupa listrada em verde e branco. Ambos aparentam estarem atentos, concentrados e confortáveis na atividade. A imagem sugere a importância da convivência e da transmissão do saber entre as gerações.



Imagem 4: Idosos em cadeiras de rodas
Fonte: Blog Direito do Idoso⁹

⁸Disponível em: <https://criandomeusfilhos.wordpress.com/2008/06/25/ler-p-seu-filho-e-importante/Acesso em março/2015>.

A imagem 4 mostra vários idosos em um corredor com azulejos brancos, com barra de apoio nas paredes, provavelmente uma clínica ou uma instituição asilar. Todos estão sentados em cadeiras de rodas ou com muletas no colo. A imagem representa uma provável situação de descaso e abandono, pois todos aparentam tristeza e preocupação. Demonstram ser dependentes constantemente do cuidado de terceiros.



Imagem 5: Idosos tocando saxofone e dançando
Fonte: Blog Direito do Idoso¹⁰

Na imagem 5 vemos um músico tocando saxofone, ele é um homem idoso, de pele branca e cabelos grisalhos, vestido com um terno. Há também uma mulher branca, idosa, grisalha, com uma rosa na boca vestida com uma roupa formal azul royal dançando com um homem branco, idoso, calvo que veste um terno preto. As três demonstram satisfação com a atividade. A rosa na boca pode ser associada à sexualidade e paixão.

⁹ Disponível em: <http://direitodoidosouff2012.blogspot.com.br/2012/06/os-asilos-no-brasil.html> Acesso em março/2015.

¹⁰ Disponível em: <http://direitodoidosouff2012.blogspot.com.br/2012/06/os-asilos-no-brasil.html> -Acesso em março/2015.



Imagem 6: Idosas praticando atividade física
Fonte: Blog voluntariosonline¹¹

A imagem 6 mostra três mulheres idosas praticando exercício físico. A primeira é branca, grisalha com cabelos curtos, usa uma faixa azul nos cabelos e uma camisa branca. A segunda é branca, com cabelos castanhos curtos e veste uma camisa amarela. A última é branca, de cabelos curtos e negros, veste um boné e uma blusa de manga comprida azul. Elas estão em um ambiente aberto e arborizado e parecem estar seguindo o comando de um professor e demonstram satisfação e flexibilidade ao fazerem os exercícios.



Imagem 7: Idosos em uma instituição de longa permanência
Fonte: Lookfordiagnosis.com¹²

¹¹ Disponível em: <http://blog.voluntariosonline.org.br/os-beneficios-da-atividade-fisica-na-terceira-idade/>
Acesso em março/2015.

A imagem 7 mostra vários idosos em um refeitório se alimentando, sendo que um deles está em cadeira de rodas. O local possui azulejos brancos, uma longa mesa com um forro azul plastificado e cadeiras de madeira branca. Há uma mulher no local com uma touca nos cabelos, provavelmente a cuidadora e/ou cozinheira, que usa short e chinelos. O ambiente parece familiar, apesar de demonstrar ser uma casa de repouso.



Imagem 8: Idosa embalando uma criança
Fonte: delas.ig.com.br¹³

A imagem 8 traz uma mulher e uma criança em uma área aberta e arborizada. A mulher de pele branca, idosa, de cabelos curtos e claros, usa roupas em tons pastéis e está embalando uma criança de cabelos castanhos usando um conjunto de moletom cinza. Ambas parecem estar animadas e satisfeitas com a brincadeira.

¹²Disponível em:

https://lookfordiagnosis.com/mesh_info.php?term=Institui%C3%A7%C3%A3o+De+Longa+Perman%C3%A2ncia+Para+Idosos&lang=3 Acesso em março/2015.

¹³Disponível em: <http://delas.ig.com.br/comportamento/7-dicas-para-voce-ser-uma-avo-moderna/n1597724552607.html> Acesso em março/2015.



Imagem 9: Idoso ensinando criança a pescar
Fonte: Blog Saúde¹⁴

A imagem 9 mostra um homem idoso, com roupas claras, um chapéu e uma vara de pescar mostrando a uma criança que veste blusa verde, algo referente ao anzol. Provavelmente o idoso está ensinando a criança como pescar um peixe. Estão em um local aberto com árvores e um lago ou rio. Os dois se mostram muito interessados e satisfeitos com a atividade.



Imagem 10: Idosos tatuados
Fonte: delas.ig.com.br¹⁵

¹⁴ Disponível em: <http://saude-joni.blogspot.com.br/2013/05/hiperplasia-prostatica-benigna-entenda.html>Acesso em março/2015.

¹⁵ Disponível em: <http://delas.ig.com.br/comportamento/7-dicas-para-voce-ser-uma-avo-moderna/n1597724552607.html>Acesso em março/2015.

Na imagem 10 vemos uma idosa de cabelos grisalhos, vestindo um vestido de alça preto e vários adornos, um homem, idoso, grisalho com a barba longa, óculos de cor lilás, de cueca samba-canção branca com marcas e batom vermelho, uma boina cinza e a moldura de um quadro pendurada no pescoço. O casal apresenta diversas tatuagens pelo corpo, porém não aparentam constrangimento e sim bastante felicidade com as poses que parecem ser para fotos em um estúdio. A idosa aponta para o idoso com um sorriso no rosto, o idoso também apresenta um rosto sorridente, demonstrando alegria.



Imagem 11: Casal de idosos se beijando
Blog da Julinda¹⁶

A imagem 11 representa um casal de idosos se beijando, em um local aberto com arbustos e árvores. A mulher possui cabelo curto e grisalho e veste uma camisa de manga comprida verde musgo. O homem possui os cabelos grisalhos e veste uma camisa de manga comprida laranja com listras. O casal está de mãos dadas e aparentam felicidade com o beijo.

¹⁶ Disponível em: <http://julinda.no.comunidades.net/amor-e-isto> - Acesso em março/2015.



Imagem 12: Idoso conversando com um adolescente
Fonte: Blog da Rogéria Breves¹⁷

A imagem 12 mostra um idoso calvo e de cabelos brancos, vestido com roupas claras e um menino com roupas azuis. Ambos estão assentados em um muro de pedra na frente do quintal de uma casa. Eles aparentam estar conversando e parecem interessados em ouvir o que o outro fala. Demonstam satisfação com a conversa.



Imagem 13: Casal de idosos jogando videogame
Fonte: Oficina da memória, Departamento de Psicologia da PUC-Rio¹⁸

A imagem 13 mostra dois idosos, uma mulher de cabelos loiros e curtos, vestindo uma blusa cor-de-rosa e um homem, de barba e cabelos brancos, um pouco calvo, vestindo uma camisa azul. Ambos estão com controles de vídeo games nas mãos, jogando algum jogo. Os dois estão sentados e parecem muito satisfeitos, atentos e interessados na atividade.

¹⁷ Disponível em: http://rogeriabreves.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html - Acesso em março/2015.

¹⁸ Disponível em: http://oficinadamemoria.usuarios.rdc.puc-rio.br/index.php?pagina=ex_jogos - acesso em março/2015.



Imagem 14: Idosa aprendendo a usar o computador com uma adolescente
Fonte: Poder brasileiro¹⁹

A imagem 14 mostra uma adolescente de cabelos castanhos, vestindo uma camiseta branca e uma idosa os cabelos brancos, vestida com uma camisa rosa claro. A adolescente parece ensinar a idosa a lidar com o computador. Ambas parecem estar felizes e confortáveis com o desempenho da tarefa.

A intenção de apresentar essas imagens era começar um diálogo com os participantes. Recorrer a estas imagens diferenciadas teve o intuito de demonstrar o quanto o envelhecimento é heterogêneo, pois existem idosos ativos, saudáveis, que fazem atividades físicas, dançam, aprendem novas tecnologias, ensinam os mais novos, como também existem idosos dependentes, doentes, morando em instituições asilares. Antes de mostrar as imagens foi explicado aos estudantes que estávamos ali para fazer uma pesquisa (a pesquisadora de Iniciação científica), para a UFV e que gostaríamos de contar com a participação deles. Disse que se tratava de leitura de imagens e que, na medida em que eu fosse mostrando era para eles falarem o que estavam pensando sobre as imagens.

Após a apresentação das imagens e os comentários foram feitas algumas perguntas sobre a velhice e as relações intergeracionais, tais como: Como você vê a velhice? Existe algum idoso residente em sua casa? Convive com idosos que são da família? Convive com idosos que não são da família? Costuma conversar ou desenvolver alguma atividade com idosos? Você acha a velhice bonita? Por quê? O que acha do corpo envelhecido? O que é um corpo belo? Você acha importante fazer algum

¹⁹ Disponível em: <http://www.podertocantinense.com.br/site/noticia.asp?id=465> – acesso em janeiro/2016.

tratamento ou cirurgias plásticas pra “retardar” o envelhecimento? Por quê? Você se imagina velho? Costuma conversar sobre a velhice?

Utilizei um minigravador para registrar o áudio das reuniões, com autorização dos responsáveis pela escola. O áudio proporcionou o registro das falas dos participantes durante as discussões sobre o tema tratado nos grupos focais. Foi utilizado também o caderno de campo para registrar os detalhes da pesquisa e as percepções sobre o ambiente escolar.

Além das reuniões para as entrevistas grupais efetuados junto às crianças e adolescentes, realizei entrevistas semiestruturadas com os professores e pedagogos, questionando-os sobre a forma como trabalham com questões ligadas ao envelhecimento. As pesquisas semiestruturadas traz questões preparadas anteriormente, mas no ato da realização da entrevista há liberdade de o participante se expressar de forma intensa e ampla, propiciando maior inteligibilidade sobre o que se deseja investigar.

A entrevista semiestruturada focaliza um assunto sobre o qual é confeccionado um roteiro com perguntas principais, complementadas por questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (MANZINE 1990/1991, p. 154). Apesar de possuir um roteiro predefinido, esse tipo de entrevista possibilita colocar questões que possam surgir durante a pesquisa adequando-se às circunstâncias do trabalho.

3.4. Análise dos dados

Depois de transcritas as entrevistas, os dados foram categorizadas de acordo com os aspectos de que se tratavam, como corporalidade, dependência, sabedoria e relações intergeracionais. As percepções positivas da velhice dizem a respeito a sabedoria e aposentadoria e as representações negativas estavam ligadas à corporalidade, dependência de cuidados e relações intergeracionais.

Os dados da pesquisa foram analisados na forma discursiva, pautando-se na questão da subjetividade e a compreensão dos significados localizados nos contextos culturais em que são produzidos (GEERTZ, 1989). Nesse processo, buscou-se discutir os conceitos formados pelos adolescentes sobre o envelhecimento, que foram confrontados com a literatura que versa sobre o tema.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, primeiramente, são discutidas as percepções positivas e negativas sobre a velhice. Em segundo lugar, é apresentado um paralelo entre as escolas privada e pública, mencionando as aproximações e distanciamentos nos resultados encontrados. Por fim, é discutido a importância atribuída pelas escolas ao trabalho pedagógico relativo à velhice.

4.1. Estigmas ancorados nos aspectos negativos da velhice

Conforme discutido no referencial teórico, é comum a sociedade ter uma visão negativa sobre a velhice. Em uma das escolas privadas que visitei com intenção de desenvolver a pesquisa, a própria diretora relatou o desejo de trabalhar sobre a velhice com os alunos, porém só citou o lado negativo de envelhecer, considerando uma velhice decadente. Disse que desejava montar um projeto para trabalhar a perda dos sentidos, usando tampões para os ouvidos para simular a perda da audição, óculos escuros em ambientes fechados para ofuscar a visão, como também colocar pesos nos pés e nos ombros dos alunos para dificultar os movimentos, entre outros artifícios que apenas retrataria a velhice decadente.

Durante a pesquisa de campo apareceram muitas representações negativas sobre a velhice voltadas para uma corporalidade decadente, a imagem do velho como ocioso, inútil e incapaz. Apareceu também alguns aspectos ligados às limitações da velhice e à dependência. Além disso, vários depoimentos mostraram que a maioria das crianças e adolescentes não se imagina velhos.

Desde a primeira fase da pesquisa foi evidenciado o quanto os idosos são estigmatizados e o quanto sua imagem é depreciada. Em todas as turmas da escola pública, as respostas às questões norteadoras foram diversas e muito negativas.

Nas duas escolas e em todas as classes, quando as imagens eram apresentadas e manuseadas, houve sussurros de crianças dizendo: “Véio!” “Véia!” Semelhantemente, ao serem questionados sobre o que achavam das imagens apresentadas, repetiam

freneticamente: “Véio! Vêia! Só Véio!”, reportando, principalmente aos aspectos da corporalidade.

Quando foi falado a respeito da corporalidade na velhice, uma das meninas, conhecedora dos estigmas ligados aos negros, aproveitou a oportunidade para defender a beleza negra. Passando as mãos sobre o cabelo afirmou:

Tenho muito orgulho do meu corpo e de como sou. (Escola Pública, 5º ano, feminino).

Esse empoderamento em relação à valorização das raízes africanas é decorrente da participação em um grupo dentro da comunidade que defende a cultura negra e sua beleza. Usar seu cabelo no estilo afro é uma forma de lutar contra os estigmas, assumindo que é negra e que tem o cabelo crespo.

A corporalidade foi o aspecto mais destacado nos depoimentos dos alunos de ambas as escolas. Entre os alunos do 5º e 6º anos da escola pública, um menino disse que ser velho é muito feio porque o corpo fica todo enrugado e com verrugas. Outro disse que todo velho tem a barriga grande. Uma menina disse que a pele da pessoa idosa vai caindo e fica muito “estranho”.

Observei que a maioria dos adolescentes participantes da pesquisa considera o corpo velho como algo feio, que o idoso quase sempre é “barrigudo” “enrugado”, “muxibento” e “corcunda”.

Ah! Cheio de rugas, o corpo todo dobrado, não consegue ficar sentado, porque tem dor na coluna, não tem como brincar com isso. Ficam na cadeira de rodas. (Privado, 5º ano, feminino).

A maioria dos alunos da escola privada falaram do corpo do velho como feio e de forma bem depreciativa, como se todos os idosos fossem assim. Também concordam que o corpo envelhecido não pode ser considerado belo, como mostram os seguintes excertos:

Uma pessoa envelhecida, um corpo velho é feio porque é tudo enverrugado [com verrugas]. (Pública 5º ano, comentários gerais).

Outro dia tinha uma velhinha bonitona de costa, com o cabelo loiro, eu assoviei. Não gostei quando vi a parte da frente. Porque estava feio. Assoviei porque estava de costas. Porque estava enrugada. (Pública 6º ano, comentários gerais).

Em função da valorização da beleza e de juventude, envelhecer pode ser uma experiência ambígua, quando associada a um estereótipo negativo. Assim, muitas pessoas têm buscado atingir o ideal de beleza e permanecer com a aparência jovem, visando fugir desses estereótipos. Nesse sentido, a velhice é vista como um período de deterioração e perdas, algo ruim e assustador, o que contribui para desvalorizar, inferiorizar e marginalizar essa fase da vida.

A pessoa estigmatizada que não obtém o respeito da “pessoa normal” pode não aceitar a si mesma, como se “o normal” lhe confirmasse seus próprios defeitos. Dessa forma, o estigma na velhice pode trazer sérios prejuízos e levar os idosos a negar a participação na sociedade, vivendo marginalizados e enclausurados em seus lares, ainda que possuam condições de ter uma vida ativa, produtiva, além de um saudável convívio em sociedade.

As representações que uma pessoa tem sobre a velhice podem ser resultado de diversas pedagogias culturais, advindas de diferentes mídias, piadas, livros etc.. Como também podem ser geradas pelo processo de socialização na família e na escola. Dessa forma, busquei entender essas construções analisando as percepções e o processo de socialização que crianças e adolescentes recebem em sua relação com a vida escolar, o que será tema de discussões positivas nesse trabalho.

Diante das críticas feitas à corporalidade na velhice, durante os comentários, questionou-se o que seria um corpo bonito. Algumas crianças e adolescentes disseram que acham bonitas certas partes do corpo como o cabelo, o formato do rosto, os olhos, a boca, o nariz. A maioria dos estudantes respondeu que era um corpo jovem, saudável e esbelto:

Um corpo bonito é uma mulher que tenha um corpo violão.
(Pública 7º ano, comentários gerais²⁰).

Corpo sarado, tipo violão e uma barriga de tanquinho (Pública 5º ano,
comentários gerais).

Diferentemente dos colegas, um dos estudantes relativizou a questão da corporalidade:

Para mim não existe um corpo perfeito porque cada um tem um corpo que é... diferente pra saber qual pessoa é qual. Pra mim corpo perfeito não existe, todo mundo tem um corpo. Só. (Pública 6º ano, comentários gerais).

Esses depoimentos confirmam a assertiva de Wolf (1992) quando menciona que, vive-se a era do corpo perfeito. Para muitos, sustentar o mito da beleza²¹, a qualquer preço é o mais importante e ainda assim nunca estão satisfeitos, pois o nível de exigência vai ficando cada vez maior. Como consequência desse mito, existem pessoas que passam fome, desenvolvendo doenças sérias como a bulimia ou anorexia. Alguns são até hospitalizados e outros chegam à morte. Tudo isso ocorre como consequência da busca por um corpo magro para cumprir um ideal de beleza que é difícil de ser alcançado. Pessoas de todas as classes, credo e idade sofrem com o que a autora chama de doença e afirma que esse mal vem se espalhando por todos os cantos, entre pessoas cada vez mais jovens.

A autora também relata episódios com consequências graves, levando as pessoas a terem uma vida cheia de limitações, chegando a ficar tão magras que muitos sequer conseguem ter forças para falar em voz alta, chegam a não têm forças para fazer uma piada ou participar de uma discussão. Muitos chegam a perder a libido, se tornam escravos da ditadura do corpo magro, esteticamente belo pelos novos padrões ligados à juventude.

²⁰Chamei de “comentários gerais” são aqueles com várias pessoas falando ao mesmo tempo e que não possibilitou identificar o autor da fala.

²¹ Segundo Wolf (1992), em resumo o mito da beleza é a ditadura imposta pela sociedade para a valorização ao corpo magro e jovem como sinônimo de beleza.

Além da valorização do corpo belo e juvenil, os depoimentos trazem termos negativos e carregados de estigmas, apontando a velhice carregada de atributos profundamente depreciativos. Conforme Goffman (1975), os estigmas contribuem para a construção de identidades deterioradas, construídas por ações sociais pejorativas.

Em relação aos velhos tatuados, os adolescentes do 5º ano compararam o idoso com um MC²². Embora os MCs sejam admirados pelos adeptos aos funk, no caso da imagem dos idosos apresentados (Imagem 10), eles foram relacionados pelos alunos da escola pública com adjetivos negativizados “viado” e “barrigudo”.

Olha o vovô! Parece o MC Guimê. É o vovô MC Guimê cheio de tatuagem. Tio, se liga, tio! o MC Guimê é viado! MC Guimê barrigudo. (muitos risos). O MC Guimê passou aí? Todo tatuado! (Pública, 5º ano, comentários gerais).

O comentário do aluno “tio, se liga tio! o MC Guimê é viado!” revela uma alerta ao velho sobre um possível perigo. Aqui o idoso pode ser equiparado a uma criança, a alguém que precisa ser alertado e advertido pela sua possível inocência ou incapacidade de juízo crítico. O excerto mostra também um preconceito em relação ao homossexualismo.

Outra imagem que foi bastante comentada pelos participantes da escola pública foi a do casal de idosos se beijando (Imagem 11), exatamente por não fazer parte do que eles costumam ver rotineiramente. Isso também revela o forte poder que os veículos midiáticos têm sobre o que apresentam. Geralmente a mídia representa uma velhice decadente e limitada. No artigo “O velho na propaganda”, Debert (2003) mostra como a mídia constrói uma imagem depreciativa sobre a velhice. Semelhantemente, no artigo “Piadas de ‘mau gosto’ sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice”, Berzins e Mercadante (2012) mostram como as piadas disseminam preconceitos sobre as pessoas idosas.

²² MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia “eme ci”. Um MC pode ser um artista que atua em musicais ou pode ser um apresentador de eventos não necessariamente ligados a uma manifestação musical (<http://www.significados.com.br/mc/>).

O estranhamento dos adolescentes sobre uma cena em que idosos aparecem se beijando é expresso em comentários que, possivelmente revelam que eles não acreditam que idosos possam namorar.

Oh! Eles beijando na boca”! Oh, professora! Os dois velhos estão dando um beijo? (Pública, 5º ano, comentários gerais).

Olha os senhores beijando! Olha o beijo da velhinha. (Pública, 5º ano, comentários gerais).

A surpresa revelada nos depoimentos evidencia o quanto as crianças e adolescentes pensam que o ser idoso está associado a não namorar, a não ter vida afetiva, não ter sexualidade, como se o idoso fosse assexuado, como se suas funções fisiológicas morressem com a velhice. Isso pode até que acontecer de forma diferenciada da juventude, mas é uma realidade importante, como afirmam Almeida e Lourenço (2010, p. 237) “a função sexual continua por toda a vida, inclusive para os idosos”. Os autores também destacam:

Os idosos são encarados como seres assexuados, nos quais o desejo e a manifestação da sexualidade foram destituídos de sua humanidade, bem como as possibilidades da contemplação de relações afetivosexuais, tanto de natureza heterossexuais como homossexuais. (ALMEIDA e LOURENÇO, 2010, p. 236).

Os comentários que evidenciam a surpresa dos adolescentes do 5º ano em relação a uma velhice não convencional remete à discussão feita por Alcida Rita Ramos (1995). Essa antropóloga mostra que as pessoas constroem imagens hiper-reais de determinado seguimento da sociedade e esperam que os outros ajam conforme as imagens “ideais” mentalmente criadas. Essas representações muitas vezes são veiculadas e reforçadas pela mídia ou por piadas divulgadas no cotidiano da população.

Apesar dos comentários negativos em relação ao corpo envelhecido, todos os alunos da escola privada disseram não concordar com intervenções cirúrgicas para se esconder a idade, falaram do alto custo das plásticas e que é melhor ter um corpo natural:

Eu não faria. Primeiro porque é muito caro e eu não tenho dinheiro. Se eu tenho meu corpo, não vou ter vergonha dele, porque? Eu acho cirurgia plástica a maior palhaçada, porque, tipo, você arrisca sua vida pra poder ficar bonito e muitas vezes acaba voltando como é que você era. Corpo bonito é o natural! (Privada, 6º ano, comentários gerais).

As discussões sobre a corporalidade nos levam a concordar com Le Breton (2007) quando destaca o corpo mais que um elemento biológico e social, porque é dotado de significações no mundo que o cerca. Para compreendê-lo, é importante dedicar-se à compressão das lógicas sociais e culturais que envolvem a extensão e os movimentos do homem. Afinal, através do corpo, as relações com o mundo são construídas, bem como a inserção do homem em um espaço social e cultural. Isso se dá mediante a expressão de sentimentos, cerimônias, ritos de interação, produção da aparência, exercícios físicos, relação com a dor e o sofrimento, dentre outros.

Le Breton (2007) ainda descreve que o corpo é dotado de sentidos que levam ao desenvolvimento dos indivíduos, dando características a cada um, através do grupo social a que pertence e, posteriormente, propagando significações, pois o corpo é um sistema simbólico, carregado de sentidos e valores, que são traduzidos e passados para os membros de uma comunidade.

Outras percepções representativas das crianças e adolescentes de ambas as escolas foram relativas ao idoso como inútil, ocioso, dependente e incapaz. Um exemplo disso foi revelado na fala de uma menina que estava assentada no fundo da sala, que ficou quase o tempo todo com o rosto coberto com a blusa, deixando apenas os olhos de fora:

Ser velho é muito bom! Eu quero muito ser velha. Ser velho é bom, pois pode ficar o tempo todo deitado, dormindo, sem fazer nada.
(Pública, 5º ano, feminino)

Essa estudante, provavelmente, preferia estar dormindo a estar na escola. Por isso considerava positiva a possibilidade de ser velha e não ter obrigações a desempenhar. Apesar de o descanso ser considerado algo positivo e merecido para

quem trabalha, a percepção sobre o velho como alguém que é ocioso, inútil e incapaz foi evidenciada em outros comentários:

Velho não faz nada, passa o dia jogando xadrez e sentado à beira da rua. Eu preciso aprender a jogar xadrez pra quando eu ficar velho saber. (Pública, 6º ano, masculino)

Velho não faz nada e passa o dia vendo TV, fazendo tricô e lendo jornal. Quase todos são chatos e rabugentos. (Pública, 7º ano, masculino)

Nesses dois últimos excertos é possível observar as percepções negativas com relação aos idosos como pessoas que não desenvolvem atividades produtivas, mas apenas jogam xadrez em lugares públicos e, no ambiente doméstico, assistem TV, fazem tricô e leem jornal. Segundo essa concepção, além de ociosos, eles são desagradáveis na convivência com as pessoas.

Quando interagimos com os outros, procuramos dicas ou pistas sobre o tipo de comportamento apropriado e socialmente aceito em dado contexto. Para sermos aceitos, buscamos interpretar as expectativas do outro em relação às nossas práticas. Goffman (2007) menciona que as pessoas ditas “normais” e as estigmatizadas geralmente não possuem uma boa interação. A reação da comunidade “normal” é discriminar a outra, com base na ideia de que se trata de um ser inferior. Pelo ponto de vista do indivíduo estigmatizado, essa interação também justifica a opção por viver isoladamente ou apenas em companhia de seus pares, para proteger-se e manter sua autoimagem quase que no anonimato.

Em nossa sociedade, muitos grupos que fogem de uma pretensa “normalidade”, comparado aos modelos de “beleza” e “perfeição” são estigmatizados, como é o caso das pessoas deficientes, obesas e velhas. No caso da velhice que corresponde a um fenômeno construído diferenciadamente nos diversos contextos culturais. Conforme Alcântara (2004), nas culturas tradicionais, como a chinesa, japonesa e indígena, os velhos são valorizados e respeitados pelos seus saberes e experiências. Por isso, são reconhecidos como guardiões da cultura.

No Brasil, principalmente por causa das bases culturais, os idosos são vistos como incapazes, improdutivos e dependentes (BULLA e KAEFER, 2006). Porém os autores argumentam que esse é um juízo provisório, considerando que trabalhos desenvolvidos sobre essa fase da vida vêm contribuindo para demonstrar as incoerências dessa realidade, já e que o idoso pode ser muito útil à sociedade.

Marilena Chauí (1994, p. 18) defende que os velhos são “a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”. Assim, “a função social do velho é lembrar e aconselhar [...] unindo o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”. Entretanto, na sociedade capitalista, frequentemente, os idosos têm sido vistos com indiferença e descaso, como defende Lopes (2007, p. 44):

Vale a pena examinar como a cultura se torna corresponsável por boa parte dos sofrimentos dos mais idosos. Nesse modelo genérico de velhice ainda presente, ao inscrever a velhice como fator de piedade e filantropia, nega-se a ela o reconhecimento social advindo da conquista de maior visibilidade pelo segmento. Assim, os significados culturais que se somam às terminologias induzem a uma representação social e a uma imagem que reduzem os mais idosos a uma situação de fragilidade e, conseqüentemente, de dependência.

Dentre os fatores que contribuem para essa representação sobre a velhice, está a não participação na população economicamente ativa, já que a definição de classe está ligada à posição ocupada pelo sujeito nas relações objetivas de trabalho (BOSI, 1994). Devido também à identidade firmada no consumo, é comum os idosos, principalmente aqueles com baixo potencial econômico, não terem suas vivências e saberes valorizados e reconhecidos socialmente, o que se traduz em abusos, maus tratos e isolamento.

Outro fator também vinculado ao consumo diz respeito às concepções sobre beleza e juventude, vigentes na sociedade ocidental. Nesse sentido, o processo de envelhecimento, acompanhado por transformações físicas e psicológicas, é visto por parte da população como sinônimo de inatividade, doença, fraqueza e inutilidade. Assim, os velhos acabam sendo vistos como uma classe à parte, principalmente aqueles que são pobres, que acabam sendo duplamente oprimidos, pela dependência social e pela velhice (BARBOSA, 1994).

Outro estranhamento demonstrado pelos alunos foi em relação à prática de jogos de vídeo game. As crianças do 5º ano da escola pública reportaram a uma velhice incapaz de jogar ou até mesmo interdita ao jogo. Alguns disseram que não achava certo que os idosos jogassem videogame, o que mostra um julgamento moral entre o que é certo e o que é errado para as pessoas dessa etapa de vida:

Os dois... A idosa e o idoso, eles estavam jogando videogame e estavam rindo! Velhinho jogando, não acho certo não. Velhinho não serve pra jogar videogame. Na verdade eles tão revendo a juventude. É que velhinho é muito velho. É muito velho pra jogar vídeo game. Não é criança mais, não. Mas não é mesmo não, uai. É pra ficar deitado. É, ficar caindo. (Pública, 5º ano, Comentários gerais)

O fato de as crianças considerarem que é inadequado os velhos jogarem vídeo game confirma os dizeres de Goffman (1975), quando destaca que quando as pessoas ditas “normais” e as estigmatizadas não interagem entre si, a reação da comunidade normal é discriminar o estigmatizado, com base na ideia de que se trata de uma pessoa estragada e diminuída. Portanto, observamos que a relação dessas crianças e adolescentes com os idosos não se dá de forma harmoniosa.

Em relação às imagens de idosos usando a cadeira de rodas (Imagem 4), mostrando a dependência na velhice, elas não apresentaram surpresa. Para os participantes, ver um idoso em uma cadeira de rodas não é novidade, mas algo comum, é o que se espera. Assim, comentaram com naturalidade, como demonstra alguns depoimentos:

Eu sei que tem idosos na cadeira de rodas. (Pública, 5º ano, comentários gerais).

Esse aqui está no hospital, está na cadeira de rodas. Esse aqui é o cadeirante. Essa aqui é a moça no hospital. (Pública, 6º ano, comentários gerais).

Apesar de ser bastante comum a maioria dos idosos precisarem de cuidados especiais e dependerem de cadeira de rodas na velhice, principalmente os mais velhos, considerando que nessa fase eles se encontram mais vulneráveis a desenvolver doenças

crônicas e degenerativas, as famílias e o estado não estão preparados, como também não acompanham o aumento da longevidade com o devido interesse. Muito ainda precisar ser feito para alcançar melhorias nesse sentido, e manter a dignidade a esses idosos que são dependentes de cuidados. Como afirma (CAMARANO, 2010, p. 13).

Hoje, o envelhecimento também está em curso nos países em desenvolvimento, nos quais, apesar dos enormes avanços normativos e institucionais, muito ainda precisa ser feito para que a velhice seja associada não só a uma vida ativa e saudável, mas, igualmente, bem cuidada. [...] A provisão de serviços de saúde e de cuidados formais ainda é uma questão não equacionada. Ela assume uma importância ainda maior em função do envelhecimento da própria população idosa, ou seja, do crescimento mais acentuado da população de 80 anos de idade ou mais.

A maioria das crianças acredita que ser velho não é bom, que não se veem velhos e que o corpo envelhecido é feio e enrugado. Entretanto, alguns adolescentes mencionam que se imaginam velhos de forma positiva, reportando à boa aparência e vida ativa, como revelado nos seguinte excertos:

Eu sei que eu vou ter ruga, eu sei que eu vou ter cabelo branco, que eu vou ter que pintar porque eu não quero ter cabelo branco, mas eu não me imaginei, tipo, eu assim, quero ser velhinha estilosa, É, eu vou ser uma velha estilosa. Meus avôs e meu pai têm cabelo branco, mas tipo, eu, minha mãe, minhas avós, não. E também, eu quero ficar velha aproveitando muito, porque tem muito idoso que aproveita mais que criança. Aí eu me imagino assim. (Privada, 7º ano, feminino).

Bom depende do corpo, né? Que tem muitos idosos que não aparentam ter a idade que tem. Eu não acho feio, não. Porque um dia, se Deus permitir lógico, eu vou ter um corpo daqueles. Então porque que eu vou achar feio? (Privada, 6º e 7º anos, comentários gerais).

Somente uma estudante relatou se imaginar de forma negativa:

Eu me vejo com cabelos brancos e com rugas. E corcunda. Eu me imagino toda fraquinha, com os ossos quase aparecendo. E o mamá [seio] caído. Feio. Muito molenga [flácida]! (Privada, 5º ano, feminino).

As percepções de si mesmo enquanto idosos incluem os estigmas comuns ligados a rugas, cabelos brancos, flacidez, problemas de coluna e fraqueza. Porém é possível se imaginar sendo velho não aparentando a idade que tem e até mesmo conseguir ter “estilo” e portar um corpo belo e saudável. Quanto a ser fraco, magro e flácido, isso é expectativa de poucos, como mostram os dados. Interessante também destacar que não há problemas para o pai e avô terem cabelos brancos, mas para as mulheres (filha, mãe e avó) isso não é desejável. Nesse mesmo excerto é possível observar a referência ao envelhecimento como período de vida de tranquilidade e diversão. Possível até mesmo de ser mais divertido do que a própria infância. Dentro desse contexto de velhice bela (sem cabelos brancos e com roupas bonitas – de estilo) e divertida, a participante se imagina viver bem na velhice.

Já os alunos da escola pública não manifestaram se imaginar como velhos no futuro, como se a juventude pudesse ser eterna. O fato de os estudantes não se verem como velhos pode se dar em função da distância cronológica entre a infância ou adolescência e a velhice, como também pela ausência de um trabalho das famílias sobre o tema e a importância das relações intergeracionais.

Diante desses dados, é importante salientar o papel da família na educação e formação do indivíduo, enquanto instância de socialização primária. Os membros da família exercem relevante influência sobre a forma de pensar e agir do sujeito. Principalmente na infância, a família se configura como as companhias mais constantes que o sujeito pode ter. Além disso, ela é o *locus* de onde advém a maioria das informações que irão ensinar e contribuir para a formação nos primeiros anos da sua existência. Nessa perspectiva, a presença dos pais exerce grande influência sobre o crescimento e desenvolvimento dos filhos, tanto no aspecto físico como intelectual.

Os ensinamentos e a maneira como os pais conduzem essa educação se tornarão as primeiras referências para a criança. Segundo Aróne Milicic (1994), o lar se configura como o primeiro contexto social da criança e pode ser considerado como a

matriz social, em que são aprendidos os primeiros comportamentos interpessoais. É no seio familiar que se dão as primeiras relações sociais.

A família influencia as crianças de diversas maneiras, tanto no âmbito social, como nos meios cultural, moral, econômico e de valores, fazendo com que cada um aprenda e reproduza, nas suas relações interpessoais comportamentos e características herdadas. O grupo familiar possui papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente o comportamento individual, através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar (DRUMMOND e DRUMMOND FILHO, 1998).

Considerando o aspecto socializador da família, ela se torna responsável pela inserção da criança no mundo social, promovendo a aprendizagem de elementos culturais, como linguagem, hábitos, costumes, valores, normas, padrões de comportamento e atitudes, entre outros. Além disso, a família promove também a formação das estruturas básicas da personalidade e da identidade. Portanto, ela é corresponsável e determinante na forma de agir e pensar do indivíduo. Frente a essa realidade, a família se torna responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (SCHENKER e MINAYO, 2003).

Simultaneamente, Santos (1999), destaca que a família exerce um papel fundamental na socialização das novas gerações, assegurando a continuidade biológica e cultural das comunidades, mediante um sistema de normas e valores. Isso se deve ao fato de que no interior da família, começa-se a elaborar o comportamento social dos indivíduos, resultado de uma aprendizagem que se inicia quando a criança é capaz, não só de distinguir entre o eu e o outro, mas de interiorizar a imagem do outro, como o avô/avó. Essa imagem que será positiva ou negativa, dependendo da forma como as relações são trabalhadas.

Conforme Oliveira (2010), “a família deve ser a principal responsável pela formação do cidadão, servindo de apoio no processo de adaptação e educação, para viver em sociedade.” Uma boa educação no seio familiar e uma boa convivência com os pais contribuem muito para uma base sólida e segura para o enfrentamento das adversidades, bem como para o amadurecimento social (OLIVEIRA, 2010, p.1).

Para Berger e Luckmann (1973), a internalização da realidade para a criança se dá através das relações sociais que podem ser divididas em socialização primária e

secundária. A primária se configura em tudo o que a criança apreende no âmbito familiar, a secundária inclui religião, escola, meios de comunicação e a sociedade como um todo. A partir dessas relações, o indivíduo se torna um ser social.

O processo de aprendizado e de internalização da realidade e da cultura para a criança pode se dar através de diferentes maneiras de comunicação. Segundo Palangana (1994), esse aprendizado se dá desde o nascimento da criança, quando ela aprende a dar significado às coisas através da relação com o outro. É na troca com outros sujeitos que a criança internaliza e significa os elementos culturais. Trata-se de um processo que caminha do plano social (relações interpessoais) para o plano interno (intrapessoal), em que a família tem um papel importante no processo de aprendizagem.

Toda criança traz consigo uma bagagem de aprendizagens e referências da família. Portanto, os aspectos tanto positivos quanto negativos da forma de pensar e de agir refletem sobre a construção da sua personalidade, até mesmo os conceitos preestabelecidos da forma de enxergar o mundo social e de se relacionar com os outros. Como define (ARÓN e MILICIC, 1994, p. 25).

A influência que a vida familiar exerce sobre as crianças não se restringe apenas a lhes oferecer modelos de comportamentos, já que ela também conforma sua conduta social através das diversas práticas de disciplina. O estilo familiar, os padrões de recompensa e punição, o sistema de crenças e os valores são elementos que têm um impacto importante no desenvolvimento das habilidades sociais.

A forma como os pais constroem com os filhos, os valores ligados às relações intergeracionais, à importância da valorização social dos idosos e ao respeito a eles irão refletir diretamente na forma como os mais velhos serão tratados na sociedade.

Diante das respostas dadas pelas crianças e adolescentes, foi possível observar que, em ambas as escolas, a maioria das crianças e adolescentes considera que envelhecer é algo ruim. Por isso, não querem ser velhos, já que velho não faz nada e não tem energia para desenvolver qualquer atividade. Um exemplo disso foram as percepções apresentadas com relação aos idosos jogando videogame, ou seja, se a eles não é permitido jogar e se divertir, a vida realmente deve ser muito entediante. Os que

consideram possível ter uma vida longa, com saúde e diversão avaliam a velhice como período frutífero da vida, como será apresentado a seguir.

4.2. Aspectos positivos da velhice

Apesar dos estigmas identificados nos depoimentos dos alunos, surgiram percepções interessantes quanto ao lado bom de envelhecer, ou seja, a velhice possui uma face positiva para alguns participantes. Em seus depoimentos, os adolescentes afirmam ter uma relação boa com os idosos da família, mas, de modo geral, não convivem com outros idosos fora do âmbito familiar.

Demonstram que existem pessoas que valorizam as relações intergeracionais e reconhecem ser possível envelhecer bem, com saúde e qualidade de vida, como defendem os estudiosos do envelhecimento ativo, já que “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13).

O envelhecimento ativo aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais. Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (OMS, 2005, p. 13).

Devemos considerar que para possuir um envelhecer ativo, saudável e com qualidade de vida, se torna relevante desenvolver discussões nos ambientes escolares, com as primeiras gerações, levando em conta que a discussão no contexto social será importante para preparar as gerações para o futuro, com a consciência de que passarão pelo processo de envelhecimento. A qualidade de vida das crianças, esta ligada as oportunidades e a forma com que cada uma irá conduzir sua vida e se preparar para o futuro.

Apesar das percepções negativas, vários depoimentos revelam percepções positivas com relação à longevidade e à velhice ativa. Os participantes demonstraram

acreditar ser possível envelhecer com alegria, diversão e sabedoria.

Em todas as turmas de ambas as escolas os comentários positivos em relação aos idosos eram em proporção bem menor que os negativos. Alguns alunos afirmaram que envelhecer poderia ser bom, como um menino do 5º ano que disse que “alguns [idosos] são saudáveis”, outro declarou que existem idosos que se cuidam, que fazem atividade física e por isso tem o corpo “saradinho”, outros comentaram que acham o idoso bonito, que suas avós são muito bonitas. Revelam também a criticidade do participante em relação à sociedade e que o envelhecimento pode ser mais espiritual do que corporal. Ao ouvir as críticas ao idoso como alguém inútil, uma menina ficou agitada e defendeu a possibilidade de uma velhice dinâmica:

Mentira! Minha avó é velha e faz tudo na casa dela, cozinha, cuida da casa, desce e varre o quintal, cuida de tudo, ela faz muita coisa, não é assim, viu? Velho faz as coisas sim.
(Feminino, 7º ano)

Ser velho é muito relativo, tem pessoas idosas que fazem muito mais coisas que eu, dançam, jogam bola, passeiam, viajam e são muito felizes. (Pública, 7º ano, feminino)

Existe alguns idosos que não querem viver como a sociedade impõe, preferem ter uma vida ativa, fazer tatuagens, curtir a vida e com isso viver bem e feliz, que essas pessoas não envelhecem e fazem toda a diferença. (Pública, 6º ano, feminino)

Embora alguns alunos falassem da velhice com naturalidade, como uma fase natural da vida, mencionando a possibilidade de diversão e de cultivar a jovialidade, alguns depoimento reportam a uma negação da velhice, para esse participante a juventude significa a capacidade de diversão. Enquanto se esta divertindo pode se dizer que é jovem. Só envelhece quem perde a alegria de se divertir, como o depoimento a seguir:

Pra mim não existe idoso, pra mim todo mundo é jovem, porque mesmo que eles falam que é idoso, eles pode se divertir do mesmo jeito que a gente jovem diverte (Privada, 6º ano, masculino).

Não considero ninguém velho, acho que todo mundo pode ser jovem, porque todo mundo pode fazer o que quiser, desenvolver qualquer coisa com qualquer idade (Pública, 6º ano, feminino).

Os depoimentos anteriores revelam que os adolescentes pensam que enquanto a pessoa estiver fazendo o que ela quer, pode se considerar jovem. Configura-se aqui a percepção de que só é velho quem não pode mais realizar as próprias vontades, mas depende dos outros para desenvolver suas próprias atividades. Por outro lado, se ninguém é idoso, não há necessidade de políticas públicas específicas para eles. Ou seja, a visão dessa estudante não colabora para uma reflexão efetiva a respeito do envelhecimento. O que é preciso é formas mentalidades de pessoas que respeitem e lutem pelos direitos dos idosos, em vez de considerá-los inúteis ou inexistentes.

Dentre as representações positivas sobre a velhice, foram mencionados aspectos ligados à experiência de vida, sabedoria e capacidade para dar bons conselhos. Apareceu também, ainda que em poucas falas, a velhice como um privilégio pela longevidade. Foi também discutido aspectos ligados à velhice ativa e relações intergeracionais.

Na escola privada, alguns reportaram a possibilidade de um envelhecimento ativo. Relataram que seus avós, após aposentarem, levavam uma vida muito mais tranquila com atividades de lazer, diversão e viagens, diferente de quando eram jovens:

Minha avó viaja muito. Este ano, ela foi pra Aparecida do Norte. Ano que vem, ela vai de novo, porque mesmo que ela foi, ela quer ir, quer se divertir. (Privada, 7º ano, masculino)

Minha avó foi para Caldas novas acho que foi lá 10 vezes. Duas vezes eles quiserem ir com a gente porque eles gostaram muito de lá. E eles acham que não tiveram essa possibilidade na infância. (Privada, 7º ano, masculino)

Eu tenho uma tia que mora no Rio de Janeiro. Ela tem uma casa lá perto de Cabo Frio. Assim, ela é mil vezes mais animada que minha mãe e meu pai juntos. Ela é muito mesmo. Ela entra na água, minha

mãe morre de medo de água. Tipo assim, meu pai leva os amigos quando a gente vai pra casa dela lá em Cabo Frio. Os amigos do meu pai tocam pagode e tal. Minha tia é a única que fica lá com elas em casa. É muito engraçado. (Privada, 7º ano, masculino)

Eu tenho uma vó em que toda vez que ela vai com a gente na praia, entra na água, vai pra praia, brinca na areia com a gente. Ela não cansa, ela sai, passeia com a gente, compra as coisa e não se cansa. Porque na juventude, quando elas [as avós] tinham a nossa idade, elas me contaram, elas não tinham condições de fazer isso, elas não tinham dinheiro e agora que elas têm, elas estão aproveitando. (Privada, 7º ano, feminino)

Os depoimentos revelam conhecimento sobre idosos ativos e felizes, uma vez que muitos têm hoje a oportunidade de levar uma vida com mais liberdade. Essas pessoas trabalharam e, após se aposentarem, querem viver da melhor maneira possível, usufruindo de coisas que não tinham acesso na juventude. Seus depoimentos também revelam que esses idosos ativos possuem condições financeiras favoráveis para realizar as atividades de que gostam, ou seja, sem um poder de compra não teriam condições de executá-las.

Esses dados confirmam os resultados das pesquisas de Silva, Firmo e Almeida (2013) que também destacam a importância da liberdade que o idoso adquire com a aposentadoria. Muitos se dedicaram a criar os filhos, a prover o lar ou passaram grande parte do dia trabalhando. Assim deixaram de fazer várias atividades para se dedicar ao trabalho e à família. Depois dos filhos criados e da aposentadoria, conseguem na velhice aproveitar o lado bom de viver: viajar, passear, ler, estudar, cuidar da saúde, praticar esportes, frequentar grupos de convivência etc., melhorando assim sua qualidade de vida. Como confirmam os autores:

É uma nova etapa de vida, repleta de possibilidades: estudar e trabalhar, paquerar e namorar, viajar e aproveitar o muito que a vida tem a oferecer. Por que não? Assim os indivíduos vivem a velhice como fase de interesses, desejos renovados e adaptados. Eles

aprendem e ensinam os conceitos de uma vida prolongada. (SILVA, FIRMO e ALMEIDA, 2013, p. 44).

Os depoimentos dos participantes corroboram o estudo de Silva, Farias e Oliveira (2013, p.4) desenvolvido com participantes do Programa Municipal da terceira Idade de Viçosa. Nesse estudo, os idosos destacam que só na velhice, ao participar do PMTI, puderam ter “tempo para si, para curtir os filhos e netos, viajar e, até mesmo, aprender a fazer diversas atividades físicas, artesanato, além de ler e escrever. Essas atividades antes não podiam ser feitas”.

Quase todos os alunos da escola pública que comentaram sobre o idoso fazendo atividade, referiam-se ao trabalho, principalmente ao doméstico. Muito pouco se falou de atividades de lazer como aconteceu na escola privada, onde os alunos mencionaram a possibilidade de fazer viagens e passeios. Depoimentos que retratam a velhice ativa mais voltada para o trabalho doméstico, como declaram estes participantes:

Minha avó faz tudo lá em casa, ela lava roupa, arruma a casa e varre o quintal. (Pública, 6º ano, feminino)

Minha avó mora sozinha e ela faz tudo na casa dela. (Pública, 6º ano, feminino)

Meus avós moram com a gente: meu padrasto, minha mãe e meus irmãos. Meus avós ajudam no cuidado com as crianças e os trabalhos domésticos. (Pública, 5º ano, masculino)

Outros depoimentos evidenciaram aspectos ligados ao conhecimento, sabedoria e longevidade. Em outra imagem apresentada, a qual aparecia um idoso conversando com um adolescente (imagem 12), os alunos disseram que parecia que o idoso estava aconselhando-o. Eles e consideravam isso como algo natural, pelo fato da pessoa idosa ter mais experiência e conhecimento. Um adolescente defendeu que envelhecer pode ser muito bom, um privilégio:

Tem muita experiência na vida, adquire mais conhecimento. (Pública, 6º ano, feminino).

Acho que velhice é um privilégio. Porque nem todos conseguem chegar à velhice (Privada, 7º ano, masculino).

Para motivar as discussões sobre as relações intergeracionais, apresentei imagens com um idoso lendo para uma criança, uma jovem ensinando uma idosa a usar o computador, um idoso e uma criança pescando (imagem 9), também pareceu ser situações corriqueiras aos alunos, pois comentaram como algo natural, como comprovam algumas falas dos estudantes do 5º e 6º anos, apenas uma criança comentou a possibilidade do idoso estar transmitindo “sabedoria” à criança:

Aqui nessa imagem, a velha [está] brincando com seu sobrinho, pra quando ela morrer ele lembrar dela. Esse aqui é uma Senhora que tá lendo uma história pra criança. Aqui um netinho e o senhor. Tem o vovô ensinando o seu netinho a pescar. Os velhinhos estão fazendo atividades (Pública, 5º ano, comentários gerais).

Todos os participantes da escola privada disseram conviver muito com idosos da família, com avós e tios, disseram passar férias e finais de semana na casa deles. Um adolescente disse que gosta muito de brincar com a avó:

Bom, eu tenho muitos primos. E quando a gente reúne na casa do meu avô, ele brinca com a gente, minha avó também. Sempre assim. É uma brincadeira deliciosa, todo mundo junto (Privada, 7º ano, masculino).

Nesse excerto o estudante destaca valorizar a família grande, bem como as relações e interações entre os membros onde avós se juntam às crianças formando um só grupo. Ou seja, a união, diversão e o estar junto é o algo muito prazeroso para ele.

Quanto ao possível contato que elas têm com idosos fora do eixo familiar, apenas uma menina da escola privada disse conviver e ficar horas conversando com uma vizinha, da qual gosta muito.

As construções sociais transmitidas através das gerações, no contexto de cada cultura, influenciam sobre nossa forma de pensar e agir, pois somos moldados socialmente e reproduzimos em nossas práticas as ideias que assimilamos em nossas vivências. Para Goffman (2007), a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo, chamado identidade, se constrói através das vivências e experiências adquiridas dentro de um grupo.

A segunda instituição socializadora, que complementa a formação familiar, é a escola. “Quando entra para a escola, a criança amplia enormemente seu mundo social”. Nessa fase, a criança amplia seu leque de informações e passa a ter outros referenciais para a sua conduta (ARÓN e MILICIC, 1994, p. 25). Portanto a escola também tem papel importante na formação e conduta do indivíduo.

Ao serem questionados quanto ao convívio com idosos na família, todas os comentários foram afirmativos. Os alunos falaram sobre avós e bisavós com mais de 90 anos. Alguns disseram não morar com os avós, mas vê-los todos os dias. Disseram desempenhar atividades com os avós como jogar dama, bingo, fazer crochê, pescar, fazer caminhada. Todas as atividades que as crianças desenvolvem com seus avós, segundo revelam os depoimentos das próprias crianças, estão mais relacionados com o lazer e descontração.

Na escola privada, quando os alunos viram a imagem do casal de idosos jogando vídeo game (Imagem 13), riram e disseram ter achado engraçado porque não é comum ver pessoas mais velhas jogando vídeo game e que idosos só tricotam.

Uma menina do 5º ano da escola privada, ao ver a imagem de uma adolescente ensinando uma idosa a usar o computador (Imagem 14), parou e ficou observando atentamente. Ao perguntar o que chamou sua atenção, ela disse ter se lembrado de ter ensinado a tia a acessar a *internet*. Outra menina disse se lembrar da avó lendo histórias para a irmã, ao ver a imagem do idoso lendo para uma criança (Imagem 3).

Esses dados confirmam os estudos de Camarano (1999) ao tratar das relações intergeracionais como importante construção do saber e da troca. Ou seja, muito mais do que apenas transmissão de conhecimento dos mais velhos para os mais jovens, essas relações funcionam como uma via de mão dupla, onde todos ensinam e aprendem. Onde os mais velhos dependem da ajuda dos membros mais jovens da família e os mais

jovens dos mais velhos, como uma espécie de troca, de contrato. Como corrobora (CAMARANO, 1999, p. 173).

[...] no Brasil, assim como na América Latina em geral, o intercâmbio de ajuda entre pais e filhos tende a se estender ao longo de todo o ciclo de vida familiar, como se existisse uma espécie de contrato intergeracional estipulando o papel dos diferentes membros da família em cada estágio do ciclo. Normas tradicionais, tanto internalizadas culturalmente quanto impostas por intermédio de pressões sociais, parecem reforçar essa situação, atuando como força motivadora do intenso fluxo de apoio entre as diferentes gerações.

Ao se tratar da construção do conhecimento, apresentarei a seguir os dados relativos às duas escolas no que diz respeito ao preparar cidadãos para todas as etapas da vida. Neste estudo, a fase da vida que é de interesse é a velhice.

4.3. Aproximações e distanciamentos entre as escolas privada e pública

Durante o trabalho de campo, percebi grande contraste entre os dois contextos pesquisados. Na seção de metodologia optei por descrever detalhadamente como se deu minha entrada em cada uma das escolas, espaços essenciais de formação cidadã, porque o acesso a elas, como forma não só de coletar dados, mas de oferecer oportunidades de compartilhar o saber acadêmico no que concerne aos idosos, foi muito diferenciado.

Garantido o acesso e iniciadas a coleta e as análises, foi possível observar que houve semelhanças em vários aspectos dos resultados da pesquisa. Os estudantes da escola pública, apesar das salas muito cheias e da indisciplina foram mais participativos, demonstraram maior interesse em observar as imagens e não se contiveram em tecer comentários, não importando se eram positivos ou negativos. Já os alunos da escola privada pareciam mais tímidos ao expor seus comentários e participaram menos.

Apesar das discussões criadas em torno da temática, estimuladas pelas perguntas e pela apresentação das imagens, tanto a escola pública quanto a privada não

demonstrou que esse possa ser um tema interessante e comum de ser comentado ou discutido entre alunos e professores. Apenas uma professora que leciona Ensino Religioso demonstrou interesse pela temática e disse ter trabalhado com seus alunos a importância de uma boa convivência com os idosos, mostrando que a troca de experiências intergeracionais pode ser favorável a ambos.

Em todas as escolas da rede privada que foram visitadas, os coordenadores e/ou diretores demonstraram interesse pela temática, julgam pertinente e importante discutir e levar para o contexto da sala de aula, mesmo com as tentativas não aprovadas para o desenvolvimento da pesquisa. Concordam que crianças e jovens devem refletir sobre o envelhecimento, considerando o crescimento do número de idosos e a longevidade. Ressaltam também a relevância das relações intergeracionais e os benefícios que esta pode trazer para ambos, o que pode contribuir para diminuir os estigmas, como também para a formação de pessoas mais tolerantes e respeitosas com o idoso. Nessa perspectiva Todaro (2009) afirma que:

Numerosos dados empíricos indicam que projetos que promovem contato intergeracional têm efeitos claros, de natureza compensatória e estimulante sobre as atitudes em relação aos idosos e que, pelo fato de favorecerem a inserção social, programas de mudanças de atitude baseadas em atividades que envolvem o intercâmbio entre gerações rompem preconceitos e ajudam a melhorar a qualidade da convivência dos idosos com as gerações mais jovens (TODARO, 2009, p. 27).

Segundo as assertivas de Todaro (2009), se torna necessário educar as crianças de forma reflexiva, para que sejam capazes de desenvolver atitudes respeitosas com os idosos, que possibilitem relativizar, levando as crianças a se imaginar no lugar do outro. Trazer para a sala de aula discussões que amenizem qualquer tipo de preconceito contra o idoso e ao envelhecimento, poderá contribuir para a formação de um cidadão mais crítico, ciente de seus deveres e direitos contribuindo para uma sociedade mais justa e que respeite as diferenças.

Mesmo frente a todas essas peculiaridades, a grande maioria dos entrevistados de ambas as escolas demonstrou curiosidade em saber do que se tratava a pesquisa, mesmo não tendo familiaridade com estudos referentes à velhice. Isso mostra que as

escolas compõem um terreno fértil para explorar as questões sobre a velhice e aspectos intergeracionais, diante da realidade de um mundo cada vez mais envelhecido.

Confrontando as opiniões das duas escolas sobre beleza e velhice, as respostas ou percepções foram bem parecidas, porém divergiram em alguns pontos. Quando perguntados sobre as atividades realizadas com idosos com quem conviviam, as crianças e adolescentes da escola pública fizeram menções às atividades de trabalho doméstico, como o cuidado com os netos e com a casa. Já os alunos da escola privada relataram mais aspectos ligados à participação em atividades de lazer, como viagens.

Nos dois casos, percebeu-se um receio de envelhecer, apesar de que a maioria se imagina velho e concordam que ser velho é ruim. Os alunos da escola pública veem a velhice como uma possibilidade de descanso da jornada de trabalho com o benefício da aposentadoria, apesar de ver o velho como ocioso, como aquele que “não faz nada”. Já na escola privada os estudantes veem na velhice a oportunidade de realizar atividades de lazer que não foram possíveis na juventude por causa dos envolvimento com a família ou com o trabalho.

As crianças e adolescentes de ambas as escolas concordam que a beleza da velhice é relativa, dependendo do estado de saúde de cada um. Mas nenhum deles gosta de se imaginar com rugas ou cabelos brancos, e a maioria considera feio o corpo velho. Todos concordaram novamente quando disseram que, apesar de não gostarem da estética da velhice, eram contra intervenções cirúrgicas e preferiam o corpo natural.

Percebe-se que a velhice é bastante estigmatizada pelos estudantes, mas isso se deve principalmente a discursos de origem do senso comum e à falta de informação sobre essa fase. Quando estimulados a pensar fora dos padrões imposto pela mídia ou diferente daquilo que é imposto socialmente, os estudantes demonstraram dúvidas sobre o que acreditavam a respeito da velhice.

Portanto, discussões sobre a velhice e as relações intergeracionais devem ser estimuladas. No universo escolar, devem fazer parte do currículo, assim como estão sendo inseridos conteúdos sobre gênero e relações étnico-raciais como mecanismo para minimizar preconceitos. Os debates acerca do envelhecimento se tornam importantes, para que a nova geração de idosos não seja composta por pessoas estigmatizadas, mas que desfrutem de respeito e de uma velhice saudável e ativa.

4.4. A escola como espaço de reflexão e formação

Diante da frequente menção a aspectos negativos da velhice, na entrevista com as professoras de cada turma foi questionado se elas trabalham com algum tema que contribua para a valorização do idoso.

A professora da escola pública revelou não usar de qualquer artifício para preparar seus alunos para lidar com o fenômeno do envelhecimento. Também destacou não desenvolver projetos e trabalhos que favoreçam a forma de pensar e agir dos seus estudantes, o que poderia contribuir para a redução de estigmas ligados ao envelhecimento humano. Perguntamos à vice-diretora da escola pública se existe nos materiais didáticos algum assunto abordando a temática “envelhecimento humano” e ela foi categórica em afirmar que nunca observou nada nos materiais.

Nas escolas da rede privada que foram visitadas, mesmo com a não aprovação para o desenvolvimento da pesquisa, os coordenadores e/ou diretores demonstraram interesse pelo tema velhice e julgaram pertinente e importante discutir essa temática na sala de aula. Concordaram que crianças e jovens devem refletir sobre o envelhecimento, considerando o crescimento do número de idosos e a longevidade. Salientam também a relevância das relações intergeracionais e os benefícios que esta pode trazer para ambos, diminuindo estigmas e formando pessoas mais tolerantes e respeitosas com o idoso.

Na escola privada, observei nas falas da coordenadora de projetos e na coordenadora do Ensino Fundamental I, o quanto é importante que os alunos tenham uma postura ética e respeitosa em relação aos idosos, considerando que todos vamos envelhecer. Na ocasião uma delas comentou que já tem 60 anos e que os alunos ficaram surpresos quando revelou que já estava participando de um grupo dos idosos, porque tem a aparência jovem e é muito ativa. Apesar de os profissionais da escola particular demonstrarem considerar o tema relevante e urgente, afirmando a importância de levar essa discussão para compor o currículo escolar com o intuito de levar os alunos a se tornem mais reflexivos e proativos capazes de exercitar sua cidadania, todas as escolas particulares visitadas não desenvolviam, durante o período da coleta, qualquer trabalho sobre o envelhecimento e relações intergeracionais e nem demonstraram interesse pela oportunidade oferecida pela pesquisadora.

A ausência de trabalhos pedagógicos sobre a velhice reverbera tanto nas representações negativas sobre a velhice, quanto na ausência de informações sobre o assunto, evidenciada nos depoimentos, quando foi perguntado o que seria a velhice. Geralmente os alunos da escola privada não respondiam, respondiam de forma equivocada ou não sabiam a partir de qual idade é considerado idoso. Uma adolescente disse que sua vó tem tatuagem, brincos e piercings, que nem parece que é velha, quando perguntamos sua idade, disse que tinha 48 anos.

Em relação à delimitação sobre o que é considerado velho, observou-se que os adolescentes da escola pública, de modo geral, relacionam a velhice aos cabelos brancos, independente da idade. Ao perguntarmos sobre o que é considerado velho, a grande maioria dos adolescentes não sabia que no Brasil é considerado idoso quem possui 60 anos ou mais.

Vou dar um chute aqui. É quando o cara tem a cabeça toda branca. É uai. Uma pessoa que provou muito da vida. Na minha casa não [possui idoso]. Tem em frente [da minha casa] (Privada, 5º ano, comentários gerais).

Eu acho o corpo de idoso bonito, minha avó é bonita! Mas minha avó não é idosa, ela tem só 40 anos (Privada, 6º ano, feminino).

Esses depoimentos mostram o equívoco e a falta de informações sobre a velhice. Alguns consideram que basta ser avó ou avô para ser velho. Outros acham que basta ter cabelos brancos, o que é uma incoerência já que há pessoas com 40 anos que são avós e há pessoas que antes dos 20 anos já possuem cabelos brancos. Esse equívoco sobre o que é a velhice e as representações negativas sobre a velhice podem advir do pouco contato dos estudantes com pessoas envelhecidas, faltando um trabalho por parte das famílias de valorização da velhice com promoção das relações intergeracionais.

Dessa forma, percebi que as escolas pesquisadas, não trabalham de forma efetiva para diminuir os estigmas ligados à velhice. Por isso, as crianças e adolescentes continuam reproduzindo com atitudes e palavras o que a sociedade repassa através dos tempos, não contribuindo para a quebra desse paradigma social.

Nesse sentido, Todaro (2009) defende que a escola, enquanto instituição educadora e responsável por formar cidadãos críticos, precisa estar atenta ao

crescimento do número de idosos. Para isso, deve buscar mecanismos que levem essas informações, mediante projetos pedagógicos que instiguem reflexões sobre o envelhecimento com o intuito de estimular os alunos a adotarem uma postura mais respeitosa e solidária ao se referir e se relacionar com um idoso.

No processo da educação para a cidadania, encontra-se o trabalho voltado para preparar as crianças para lidar com as diferenças. Algumas escolas fazem um trabalho muito interessante, mostrando a diversidade de corpos e comportamentos: pessoas altas e baixas, pessoas magras e gordas, pessoas claras e escuras, pessoas velhas e novas etc. Nesse processo, mostram a importância da diversidade que configura uma oportunidade para se relacionar e aprender com alguém que é diferente. Nesse sentido, as escolas podem fazer um excelente trabalho sobre as relações Inter-geracionais, motivando o contato, o convívio e a aprendizagem entre as gerações.

Carvalho e Horiguela (2007) defendem a importância de se ensinar sobre as diferentes dimensões envolvidas no envelhecimento humano, para que haja mudanças posturais da sociedade, possibilitando uma compreensão mais ampla sobre o processo de envelhecimento. Todaro (2009) também sugere que sejam feitos projetos intergeracionais para melhorar a reflexão sobre o envelhecer, para que a velhice possa ser vista não como uma fase a ser estigmatizada, mas como um período da vida a ser vivido com tranquilidade, autonomia e sociabilidade, tendo respeitados seus direitos e necessidades.

A escola poderia desenvolver programas de leitura, problematizando valores associados à ética, como tema transversal, como, por exemplo, respeito e solidariedade entre crianças/adolescentes e pessoas idosas, por meio de textos de qualidade, apropriados a cada faixa etária, além de trabalhos práticos que proporcionem relações intergeracionais.

Ferrigno (2003) também aponta os pontos positivos da inter-relação entre crianças/adolescentes/jovens e velhos. Para o autor, o convívio entre diferentes gerações possibilita a troca de saberes, podendo cada um contribuir com a cultura do outro construindo histórias de uma comunidade e, promovendo a satisfação de ambas as partes.

Simultaneamente Souza (2003), defende ser necessário educar crianças e adolescentes para que se tornem sujeitos críticos e autônomos. A educação sobre as

dimensões da vida humana é importante para a formação do ser humano enquanto cidadão. Entretanto, é comum as escolas assumirem um caráter mais informativo do que formativo, tornando a formação dos alunos negligenciada (SOUZA, 2003).

Considerando a potencialidade da escola em trabalhar a velhice e as relações intergeracionais e a negligência das mesmas em relação ao assunto, concordamos com Oliveira (1999) quando menciona que a educação corresponde a um fenômeno pluridimensional e multideterminante, que envolve um processo contínuo na vida do ser humano, mas que pode ser um instrumento de alienação ou de libertação do indivíduo. Sobre esse assunto Araújo (1998, p.44) afirma:

[...] a escola precisa abandonar um modelo no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais.

Para que a sociedade possa ter uma postura mais proativa em relação às diferenças, Freire (1996) defende que a educação é a única forma de mudar os paradigmas sociais. Para isso é necessário preparar o indivíduo, desde a educação básica, para que se torne consciente em relação ao idoso e entenda o envelhecimento como uma condição a que todos estão sujeitos.

Nesse sentido, Todaro (2009) destaca a importância de se educar crianças para que sejam respeitadas com os idosos, para que possam ser capazes de refletir sobre os preconceitos relacionados à velhice, o que contribui para a formação de um cidadão crítico, ciente de seus deveres e direitos e o que promova uma sociedade mais justa, com visão mais real e positiva do envelhecimento.

As discussões aqui apresentadas mostram a relevância da presente pesquisa, que possibilitou refletir sobre alguns aspectos inerentes à socialização escolar, destacando como a escola pode contribuir para a valorização ou não da velhice ou a perpetuação de estigmas e estereótipos em torno dessa etapa da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ser velho é muito relativo, tem pessoas idosas que fazem muito mais coisas que eu: dançam, jogam bola, passeiam, viajam e são muito felizes” (Estudante do sexo feminino, do 7º ano da escola Pública).

Este trabalho trata-se de um estudo sobre as percepções de crianças e adolescentes de uma escola pública e outra privada demonstram sobre a velhice, cujo tema se torna relevante considerando o envelhecimento populacional que o Brasil e o mundo vêm experienciando.

Apesar de todo o planejamento feito no projeto, a pesquisa não saiu de acordo como o esperado em função de algumas dificuldades encontradas nos trâmites burocráticos. No projeto pensou-se na possibilidade de entrevistar familiares de alguns alunos que participassem mais dos entrevistas grupais, mas isso não foi possível devido à necessidade de cumprir os prazos acadêmicos.

Inicialmente, houve dificuldades em relação ao atraso na aprovação por parte do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP). O CEP fez várias exigências de mudanças no projeto e demandou mais cautela uma vez que envolve crianças e adolescentes. Por isso, exigiu a necessidade de elaborar três termos de consentimento diferenciados, o que demandou tempo para adequação do projeto.

Além disso, houve dificuldade no trabalho de campo propriamente dito. Na escola pública, o problema foi às salas muito cheias e a indisciplina dos alunos, que falavam todos ao mesmo tempo, sobre temas paralelos e faziam piadinhas, o que dificultou um pouco o desenvolver das entrevistas grupais. No setor privado, houve a dificuldade de conseguir uma escola que permitisse a pesquisa. Quando foi conseguida a permissão, o trabalho teve que se adequar à proposta da coordenadora de projetos. Assim não foi possível desenvolver o trabalho em todas as turmas do 5º ao 9º ano, separadamente, como foi na escola pública. Dessa forma, realizou-se entrevistas grupais nas duas turmas do 5º ano. Porém foi preciso reunir os 6º, 7º, 8º e 9º anos em uma única reunião para desenvolver as entrevistas grupais, que contou com a participação de poucos alunos, além da ausência de alunos do 8º e 9º anos.

Apesar das dificuldades encontradas, a pesquisa de campo possibilitou desvelar importantes facetas do envelhecimento, evidenciando o lado positivo e negativo de envelhecer. Uma minoria de estudantes relataram pontos positivos da velhice, como oportunidade de levar uma vida ativa, fazer atividades físicas, dançar, viajar, estar sempre em busca da felicidade. Revelaram também que existem idosos que não querem viver como a sociedade impõe, mas buscam ter uma vida ativa, com liberdade para fazer tatuagens, namorar, dançar e curtir a vida. Descrevem ainda que existem idosos que trabalham nos afazeres da casa ou em outras atividades, contribuindo para os seus lares ou para a sociedade de forma geral. Além disso, revelaram a importância das relações intergeracionais na troca de experiências das crianças e adolescentes com os idosos.

Com este estudo, foi possível identificar diversos conteúdos e elementos que integram as representações sociais da velhice, observando os discursos encontrados entre as crianças e os adolescentes participantes.

O maior número de percepções sobre a velhice foram negativas. Os participantes falaram de uma velhice decadente, demonstraram ter a imagem do velho como ocioso, inútil e incapaz, relataram alguns aspectos ligados a corporalidade, as limitações e a dependência. A grande maioria dos alunos usam termos em tom pejorativo quando se referem ao idoso como barrigudo, muxibento, corcunda, enrugado, caído, feio, enverrugado e caduco.

Verifiquei que as crianças e os adolescentes participantes da pesquisa contribuem para a manutenção do estigma sobre a velhice. Ainda que de maneira impensada, eles repassam as noções do senso comum que recebem e que estigmatizam o idoso. Quando estimulados a pensar fora dos padrões sociais vigentes, os estudantes se veem em dúvida naquilo em que eles acreditavam ser verdade a respeito do assunto.

Além dos estigmas em relação à velhice, foi possível desvelar alguns aspectos ligados às relações intergeracionais. Ao serem questionados durante as questões que nortearam a pesquisa, vários participantes disseram que convivem com idosos no âmbito familiar, principalmente com seus avós. Entretanto, poucos convivem com idosos fora da família. Alguns revelaram que estar na presença dos avós pode ser muito bom e que eles não consideram seus avós feios e, que eles gostam de passear, jogar e estar na presença de idosos, valorizando a importância dos encontros intergeracionais.

Verifiquei também uma desinformação por parte dos estudantes das duas escolas pesquisadas sobre a idade em que se considera a pessoa como idosa. Em suas respostas, eles demonstraram não ter conhecimento sobre quando se pode considerar que uma pessoa é idosa. Poucos disseram que é a partir dos 60 anos.

Esses estigmas e desconhecimentos sobre as particularidades da velhice podem ser decorrentes da falta de um trabalho efetivo pelas escolas sobre velhice e relações intergeracionais. Ao questionar se os professores de cada turma desenvolviam algum trabalho sobre a temática envelhecimento humano, na escola pública, apenas uma professora de Ensino Religioso relatou ter discutido em uma de suas aulas a importância de se respeitar o idoso. Na escola privada, a vice-diretora e a coordenadora de projetos disseram considerar muito relevante à temática, entretanto, não percebi efetivamente nenhuma ação realizada com essa temática.

Dessa forma, o estudo aponta lacunas no processo de formação para o entendimento da velhice por parte dos participantes de ambas as instituições pesquisadas. Essa realidade aponta para a necessidade de se discutir os currículos escolares e neles considerar a importância de se trabalhar com projetos que tragam para a sala de aula discussões mostrando o lado positivo de envelhecer, destacando o quanto podem ser proveitosos os encontros intergeracionais, evidenciando como eles podem acrescentar para a formação da criança e do adolescente enquanto cidadão.

Visando contribuir para uma sociedade mais igualitária e cidadã, que respeite as diferenças, discussões como essa devem ser estimuladas em todos os âmbitos da sociedade, principalmente no universo escolar, assim como se discute formas de reduzir outros tipos de preconceitos, como os de gênero, raça e etnia. Os debates acerca do envelhecimento tornam-se importantes para que a nova geração de idosos não seja tão estigmatizada, mas que possa desfrutar de maior liberdade, autonomia e respeito.

Como sugestão para trabalhos futuros, que além de investigar sobre as percepções de crianças e adolescentes possuem acerca da educação formal, possam ampliar a compreensão sobre o que acontece na socialização primária, considerando que a família é a primeira instância de educação e formação. Sugere-se ainda fazer um estudo pormenorizado junto a professores e os dirigentes das escolas, assim como em livros didáticos, verificando como a velhice é tratada e como os estigmas aparecem, de forma aberta ou velada nos textos, a fim de mostrar se eles trazem e como trazem informações a respeito da velhice e suas vertentes.

Essa realidade mostra a relevância da presente pesquisa, que poderá possibilitar a descontinuação de alguns aspectos inerentes à velhice, destacando como as ações ou negligências das escolas, famílias e sociedade poderão contribuir para que haja uma coletividade que desvaloriza ou estigmatiza a velhice.

Pelos dados analisados, foi possível observar que muitas pessoas ao envelhecerem adquirem diferentes formas de capital simbólico como define (BOURDIEU, 1974, p. 7-8).

Através da distribuição das diversas formas de capital - no caso da cultura, o capital simbólico - os agentes participantes em cada campo são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e à prática das lutas que o atravessam. As relações existentes no interior de cada campo definem-se objetivamente, independentemente da consciência humana. Na estrutura objetiva do campo (hierarquia de posições, tradições, instituições e história) os indivíduos adquirem um corpo de disposições, que lhes permite agir de acordo com as possibilidades existentes no interior dessa estrutura objetiva: o habitus. · Desta forma, o habitus funciona como uma força conservadora no interior da ordem social.

Como o tempo, a liberdade, principalmente no caso das mulheres que por muitos anos foram controladas por seus maridos, tendo suas vidas resumidas nos cuidados com os afazeres domésticos e com a educação dos filhos, responsabilidades atribuídas a elas na sua grande maioria o que podemos encontrar ainda hoje. Quando viúvas essas mulheres se percebem como pássaros que saem de gaiolas, porém o capital econômico, a aposentadoria, torna-se para muitas sua primeira fonte de renda. No entanto, vão, aos poucos perdendo outra forma de capital, a saúde, o respeito da sociedade e em muitos casos o amor da família.

O desafio para os idosos seria, então, poder envelhecer com saúde, amor e respeito, para desfrutar do dinheiro que merecidamente recebem pelos anos trabalhados, bem como o tempo e a liberdade que dispõem para aproveitar os anos de vida que lhes restam, viajando, se exercitando e passando momentos divertidos com seus familiares.

O papel da escola, contexto de desenvolvimento dessa pesquisa, diz respeito à importância de se preparar crianças e adolescentes, considerando que são o futuro da

sociedade, exatamente no que tange o respeito com os mais idosos, para que no futuro possam contribuir para a elaboração de leis e políticas públicas que valorizem e respeitem essa fase de idade que só tende a aumentar com os avanços das ciências, tecnologias e medicina. Contribuindo ainda para uma sociedade mais igualitária quebrando esse paradigma de estigmas que insiste em perseguir os mais longevos.

6. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. de O. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Alínea, 2004.

ALCÂNTARA, A. de O. **Da velhice da praça à velhice da roça: revisitando mitos e certezas sobre velhos e famílias na cidade e no rural**. 2010. 319 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, SP, 2010.

ALMEIDA, T. de; LOURENÇO, M. L. Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 6, n. 2, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/171-4775-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2016.

ARAÚJO, U. F. de. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998, p. 44.

ARGIMON, I. I. L.; LOPES, R. M. F.; NASCIMENTO, R. F. L. Atualidades sobre o idoso no mercado de trabalho. 2006. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2008/anais/arquivosEPG/EPG01559_03_O.pdf Acesso em: 15 mar. 2015.

ARÓN, A. M.; MILICIC, N. **Viver com os outros** – Programa de desenvolvimento de habilidades sociais. Tradução Jonas Pereira dos Santos. Editorial Universitária, Chile, 1994.

ASSIS, M. Envelhecimento ativo e promoção da saúde: reflexão para as ações educativas com idosos. **Revista APS**, v. 8, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/Envelhecimento.pdf>> Acesso em: 28 jan. 2016.

BARBOSA, J. A. **A psicologia do oprimido**. In: BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p.11-15.

BERZINS, M. V.; MERCADANTE, E. F. Piadas de “mau gosto” sobre pessoas idosas: a disseminação do preconceito à velhice. **A Terceira Idade**, v. 23, n. 54, p. 7-18, jul. 2012.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 17-37.

BRASIL. **Lei n. 8842**, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Estatuto do Idoso e normas correlatas. Brasília, DF: Senado Federal, 2003. (Legislação Federal).

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei n. 10741, de 1º de outubro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 192, 3 out. 2003.

BULLA, L. C., KAEFER, C. O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 2, n. 1, p. 1-8, 2006.

BOURDIEU, P. **O mercado de bens simbólicos. A economia das trocas simbólicas.** v. 2, Perspectivas S.A. São Paulo, 1974, p. 7-8.

CAMARANO, A. A.; MEDEIROS, M. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros.** Rio de Janeiro: IPEA, dez. 1999.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: IPEA, 2010, p. 13.

CARVALHO, C. B.; HORIGUELA, M. de L. M. Inserção social de idosos a partir da escolarização básica. In: BRUNS, M. A. de T.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org.). **Envelhecimento humano: diferentes perspectivas.** Campinas, SP: Alínea, 2007. 167p.

CHAUÍ, M. de S. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 17-33.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: EDUSP, 1999.

DEBERT, G. G. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 21, p. 133-156, 2003.

DA MOTTA, A. B. **Envelhecimento e sentimento do corpo. Antropologia, saúde e envelhecimento.** p. 37-50, 2002. Disponível em:
<<http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf#page=36>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

DE OLIVEIRA, A. M. S. **A relação homem/natureza no modo de produção capitalista.** Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales, n. 6, p. 18, 2002.

DOLL, J. **Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 109-124.

DRUMMOND, M.; DRUMMOND Filho, H. **Drogas: a busca de respostas.** São Paulo: Loyola, 1998.

DUARTE, Y. A. de O. **Compreendendo o "envelhecimento ativo" como uma política de saúde.** Saúde Coletiva, São Paulo, v. 4, n. 17, p. 134-135, 2007. Bimestral. <<http://www.redalyc.org/pdf/842/84201702.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

FARIAS, R. de C. P. **Projeto Esta ruga tem história.** 2012. Disponível em: <<http://estarugatemhistoria.blogspot.com.br/p/realizacoes.html>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

FARIAS, R. de C. P.; MINÓ, N. M. Percepção de idosos sobre núcleo de convivência: um estudo com idosos frequentadores do Programa Municipal da Terceira Idade de Viçosa/MG. PMTI. **Congresso Internacional Interdisciplinar em Social e**

Humanidades. CONINTER. 2014. v. 10, n. 3, p. 31-48. Disponível em: <<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2010/03.%20FARIAS%20MI NO.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

FARIAS, R. de C. P.; OLIVEIRA, K. D. de; SARAIVA, C. S. **Trajetórias e memórias:** Biografia dos participantes do projeto Esta ruga tem história. Viçosa-MG: DED/UFV, 2016.

FERREIRA, O. G. L. et al. O envelhecimento ativo sob o olhar de idosos funcionalmente independentes. **Ver. Esc. Enferm. USP**, p. 1065-1069, 22 mar. 2010. <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n4/30.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

FERRIGNO, J. C. **Professores jovens e alunos velhos em um processo de coeducação de gerações.** 2003. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FREIRE, L. de L. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas**, v. 1, n. 2, p. 95-114, 2008. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2012/relatorios_pdf/ctch/EDU/EDU-Jaciny%20Ferreira%20Porto.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2012.

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice.** Rio de Janeiro: Record, 2013.

GONTIJO, S. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde. World Health Organization; Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

GOUVEIA DA SILVA, P. F.; TEIXEIRA, K. M. D. (Org.). **Uma favela cordial:** imagens, discursos e experiências em comunidades. v. 1. Viçosa/MG: Editora UFV, 2007. 201p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Senso 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 out. 2015.

KARSCH, U. M. Idosos dependentes: famílias e cuidadores. **Dependent seniors: families and caregivers. Cad. saúde pública**, v. 19, n. 3, p. 861-866, 2003.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** 2. ed. Petrópolis - RJ, Vozes, 2007.

LISBOA, T. K. Mulheres migrantes de origem cabocla e seu processo de empoderamento. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 35-47, 2002.

LOPES, R. G. C. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: Neri, A. L. **Idosos no Brasil:** vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991. <<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2014.

MARTINEZ, Y. L. H. N. **A visão do jovem manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento**. Programa de pós-graduação em gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (Orgs.). Antropologia, saúde e envelhecimento. <<http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>> Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 209 p. ISBN: 85-7541-008-3. Available from SciELO Books.

MONTEIRO, P. P. **Envelhecer ou morrer, eis a questão**. Belo Horizonte: Gutemberg, 2008. Coleção Envelhecer & Viver.

MONTEIRO, P. P. **A beleza do corpo na dinâmica do envelhecer**. Belo Horizonte: Gutemberg, 2013. Coleção Envelhecer & Viver.

NASCIMENTO, R. F. L. do; ARGIMON, I. I. de L.; LOPES, R. M. F. Atualidade sobre o idoso no mercado de trabalho. **Psicologia: O Portal dos Psicólogos**, p. 1-7, 29 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0300.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

OLIVEIRA, R. de C. da S. **Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos impossíveis**. São Paulo: Paulinas, 1999.

OLIVEIRA, T. B. A importância da família para a formação da cidadania. **Fadiva**, 2010. Disponível em: <<http://www.fadiva.edu.br/Documentos/publicacoes/2010/01.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005, 60p. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2016.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento & aprendizagem em Piaget e Vygotsky (A relevância do social)**. São Paulo: Plexus, 1994.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios velhos, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES, Myriam; BARROS, Lins de. **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 69-84.

RAMOS, A. R. O Índio hiper-real. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** 10, n. 28, p. 5-14, June 1995. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=209:rbcsc-28&catid=69:rbcsc&Itemid=399>. Acesso em: 28 jan. 2016.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716/2642>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

SANTOS, S. S. C. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio Grande, p. 135-139, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n6/25.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

SILVA, C.; FIRMO, R.; DE ALMEIDA, S. M. M. Packness. Aspectos positivos e negativos da velhice. **Revista Portal de Divulgação**, n. 37, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/416-449-1-SM.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

SILVA, M. C. **Políticas sociais e a terceira idade no Brasil contemporâneo**. Portal voluntário, 2008. Disponível em: <<https://portaldovoluntario.v2v.net/posts/233>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

SILVA, R. S. A.; FARIAS, R. C. P.; OLIVEIRA, K. D. Significados da participação em um núcleo de convivência de idosos. In: **VI Workshop de Análise Ergonômica do Trabalho. “Envelhecimento: Como Pensar o Trabalho, a Sociedade e as Cidades?”** Viçosa-MG: UFV, 2013, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.ded.ufv.br/workshop/docs/anais/2013/Rosalina%20Souza%20%20%20%20%20%20Ara%C3%BAjo%20Silva%20-%20Tem%C3%A1tica%20Envelhecimento.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

SOUZA, R. M. de. **Escola e juventude: o aprender a aprender**. São Paulo: EDUC/PAULUS, 2003.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 1, 2003.

TODARO, M. de A. **Vovô vai à escola: a velhice como tema transversal no ensino fundamental**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. 2005. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2016.

7 APÉNDICE

APENDICE 1: Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TCLE Aplicado a Adultos

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: Representações de adolescentes sobre o processo de envelhecimento: uma análise sobre as construções sociais de estigmas ligados a velhice

Coordenador da pesquisa (pesquisador responsável):

Nome: Rita de Cássia Pereira Farias - Profa. Adjunta do Departamento de Economia Doméstica (DED/UFV), Doutora em Antropologia Social.

Telefone: (31) 3899-1636

E-mail para contato: rcfarias@ufv.br

Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA (VOLUNTÁRIO)

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Telefone: () _____

E-mail: _____

Importante ressaltar que este TCLE foi redigido em conformidade com a Resolução CNS 466/2012.

Da justificativa para a realização desta pesquisa:

Esta pesquisa buscará informações acerca das construções sociais ligadas ao estigma do envelhecimento humano, buscando entender as diferentes formas de pensar e agir dos adolescentes em relação à velhice, visando ampliar as discussões acerca dessa temática em nosso cotidiano.

Objetivos desta pesquisa:

Analisar as representações de adolescentes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental sobre o processo de envelhecimento, identificando os mecanismos que possibilitam as construções sociais de estigmas sobre a velhice.

Verificar o que os adolescentes pensam sobre a velhice em termos da corporalidade, dos aspectos cognitivos e das relações inter-geracionais.

Investigar se os adolescentes contribuem, e de que maneira, para a manutenção do estigma da velhice.

Identificar de que maneira professores e pedagogos interferem na valorização ou estigmatização dos velhos mediante a educação formal oferecida.

Averiguar se a educação oferecida pelas famílias interfere na valorização ou estigmatização da velhice.

Do procedimento para a coleta de dados

A pesquisa utilizará o grupo focal como uma de suas estratégias para a coleta de dados. O grupo focal é uma forma de entrevista com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico.

4. Da forma de participação

Os alunos participarão das discussões no grupo focal com perguntas pré-elaboradas a fim de nortear o diálogo. Membros do corpo pedagógico e familiares que concordarem com a pesquisa, serão entrevistados, estima-se que essas entrevistas terão aproximadamente 10 minutos de duração. Durante as observações poderá haver conversas informais, entre alunos, colaboradores, pais de alunos e o pesquisador. Os

alunos participarão das discussões no grupo focal com perguntas pré-elaboradas a fim de nortear o diálogo que acontecerá durante o horário escolar de acordo com a determinação da coordenadora pedagógica que fará a escolha da turma e do horário para que não atrapalhe a rotina escolar. Estima-se que a discussão entre os participantes do grupo focal tenha a duração de aproximadamente 30 minutos de duração. Será utilizando um minigravador para registrar as reuniões em áudio, porém o nome dos participantes não será revelado. Será utilizado também o caderno de campo para registrar os detalhes da pesquisa.

5. Da utilização, armazenamento e descarte dos dados

Todos os dados coletados serão guardados em local seguro e de total responsabilidade do pesquisador. Todo o material será armazenado em arquivos digitais e guardados pelo prazo de cinco (05) anos ou enquanto os pesquisadores utilizarem os dados para comparar com outras pesquisas realizadas. Os questionários e entrevistas impressos em papel serão arquivados em arquivo próprio pelo prazo também de cinco (05) após esse período serão descartados.

Em todo o processo será atendido os princípios éticos dispostos na resolução N° 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde, especificamente em seu artigo IV, que aborda o respeito à autonomia do participante da pesquisa, garantindo o seu consentimento livre e esclarecido, o sigilo das informações e a privacidade.

6. Dos potenciais riscos e o incômodo que a pesquisa possa acarretar

A pesquisa pode oferecer riscos psicológicos como constrangimento, mas se alguma questão causar embaraço, você não precisará em nenhuma hipótese se manifestar, tendo o direito de responder apenas as perguntas que desejar, evitando assim esse risco. Você terá o direito de recusar a participação seja em qualquer fase da pesquisa, sendo esta decisão absolutamente respeitada.

7. Dos Benefícios:

As informações coletadas nessa pesquisa podem contribuir para encontrar respostas sobre a construção coletiva de estigmas ligados a velhice, nas influências que as escolas

e as famílias possuem sobre a forma de pensar e reproduzir que os adolescentes apresentam em relação ao idoso.

8. Da assistência

Os participantes poderão em qualquer momento optar por não participar da pesquisa, e isto em nenhuma hipótese poderá gerar qualquer tipo de prejuízo a esta pessoa.

Procuraremos o horário mais adequado para os participantes de acordo com a disponibilidade de cada um, para que não traga nenhum desconforto a eles ou prejudique o andamento da rotina escolar.

9. Das despesas

A participação na pesquisa não implicará em ônus para nenhum de seus participantes.

10. Da garantia de sigilo

Os participantes terão a garantia de que o pesquisador irá tratar sua identidade com padrões profissionais de sigilo e que o nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão e ainda, seu nome/imagem não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

11. Da garantia de recusar, desistir ou revogar o consentimento.

Os participantes têm a garantia de recusar, desistir ou interromper a colaboração na pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo e informar nada a ninguém.

12. Retorno dos dados

Os resultados da pesquisa serão apresentados em forma de relatório científico e também por meio de uma palestra/seminário apresentado às pessoas que foram envolvidas na

pesquisa. Voltaremos ao local onde o estudo foi realizado deixando uma cópia do trabalho para que todos possam ter acesso ao material elaborado.

Declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “Representações de adolescentes sobre o processo de envelhecimento: uma análise sobre as construções sociais de estigmas ligados a velhice” de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Estou informado que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Autorizo que os dados coletados sejam armazenados para comparar pesquisas futuras. Declaro ainda que concordo em participar desse estudo, que recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em caso de questionamento em relação aos procedimentos éticos, de discordância com procedimentos ou irregularidade de natureza ética posso buscar auxílio junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV no seguinte endereço e contatos:

Prédio Arthur Bernardes, Piso Inferior-Campus - Viçosa/MG.

Telefone: (31) 3899-2492-e-mail: cep@ufv.br-site: www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 2015.

Pesquisador Responsável pelo Projeto

Membro da pesquisa

Sujeito da pesquisa e/ou responsável

APÊNDICE 2: TERMO DE ASSENTIMENTO APLICADO AOS ADOLESCENTES

Você _____, está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: “Representações de adolescentes sobre o processo de envelhecimento: uma análise sobre as construções sociais de estigmas ligados a velhice” como voluntário (a). Nesta pesquisa, pretendemos analisar as representações de adolescentes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental sobre o processo de envelhecimento, identificando as influências recebidas das escolas e da família que possibilitam as construções sociais de estigmas ligados a velhice.

O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é buscar informações acerca das construções sociais ligadas ao estigma do envelhecimento humano, buscando entender as diferentes formas de pensar e agir dos adolescentes em relação à velhice, visando ampliar as discussões acerca dessa temática em nosso cotidiano.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): A pesquisa utilizará o grupo focal como uma de suas estratégias para a coleta de dados. O grupo focal é uma forma de entrevista com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico. Os alunos participarão das discussões no grupo focal com perguntas pré-elaboradas a fim de nortear o diálogo. que acontecerá durante o horário escolar de acordo com a determinação da coordenadora pedagógica que fará a escolha da turma e do horário para que não atrapalhe a rotina escolar. Estima-se que a discussão entre os participantes do grupo focal tenha a duração de aproximadamente 30 minutos de duração. Membros do corpo pedagógico e familiares que concordarem com a pesquisa, também serão entrevistados, estima-se que as entrevistas terão aproximadamente 10 minutos de duração. Durante as observações poderá haver conversas informais, entre alunos, colaboradores, pais de alunos e o pesquisador.

Para participar desta pesquisa, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes da mesma será assegurado o seu direito à indenização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a

qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar sua identidade dentro dos padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

A pesquisa pode oferecer riscos psicológicos como constrangimento, mas se alguma questão causar embaraço, você não precisará em nenhuma hipótese se manifestar, tendo o direito de responder apenas as perguntas que desejar, evitando assim esse risco. Você terá o direito de recusar a participação seja em qualquer fase da pesquisa, sendo esta decisão absolutamente respeitada.

A pesquisa contribuirá para, encontrar respostas sobre a construção coletiva de estigmas ligados a velhice, sobre as influências que as escolas e famílias exercem sobre a forma de pensar e agir dos adolescentes. Nesta perspectiva, buscar caminhos para subsidiar ações nas escolas, que contribuam para que haja melhores relações entre as gerações.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5(cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Importante ressaltar que este Termo de Assentimento foi redigido em conformidade com a Resolução CNS 466/2012.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Viçosa, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFV

Endereço e contatos:

Prédio Arthur Bernardes, Piso Inferior-Campus Viçosa/MG

Telefone: (31) 3899-2492-e-mail: cep@ufv.br-site: www.cep.ufv.br

Nádia Marota Minó

Rua Paris, 85/101 Viçosa/MG

CEP: 36570000

Fone: 3892 7805

E-mail: nadiamino@gmail.com

APÊNDICE 3: TCLE APLICADO AO RESPONSÁVEL PELA CRIANÇA

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: “Representações de adolescentes sobre o processo de envelhecimento: uma análise sobre as construções sociais de estigmas ligados a velhice”. Nesta pesquisa, pretendemos analisar as representações de adolescentes do 5º ao 9º ano do ensino fundamental sobre o processo de envelhecimento, identificando as influências recebidas das escolas e da família que possibilitam as construções sociais de estigmas ligados a velhice.

O motivo que nos leva a pesquisar esse assunto é buscar informações acerca das construções sociais ligadas ao estigma do envelhecimento humano, buscando entender as diferentes formas de pensar e agir dos adolescentes em relação à velhice, visando ampliar as discussões acerca dessa temática em nosso cotidiano.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): A pesquisa utilizará o grupo focal como uma de suas estratégias para a coleta de dados. O grupo focal é uma forma de entrevista com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico. Os alunos participarão das discussões no grupo focal com perguntas pré-elaboradas a fim de nortear o diálogo que acontecerá durante o horário escolar de acordo com a determinação da coordenadora pedagógica que fará a escolha da turma e do horário para que não atrapalhe a rotina escolar. Estima-se que a discussão entre os participantes do grupo focal tenha a duração de aproximadamente 30 minutos. Membros do corpo pedagógico e familiares que concordarem com a pesquisa, também serão entrevistados. Durante as observações poderá haver conversas informais, entre alunos, colaboradores, pais de alunos e o pesquisador.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, ele tem assegurado o direito à indenização. Ele será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O (A) Sr. (a), como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará

qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

A pesquisa pode oferecer riscos psicológicos como constrangimento, mas se alguma questão causar embaraço, você não precisará em nenhuma hipótese se manifestar, tendo o direito de responder apenas as perguntas que desejar, evitando assim esse risco. Você terá o direito de recusar a participação seja em qualquer fase da pesquisa, sendo esta decisão absolutamente respeitada.

A pesquisa contribuirá para, encontrar respostas sobre a construção coletiva de estigmas ligados a velhice, sobre as influências que as escolas e famílias exercem sobre a forma de pensar e agir dos adolescentes. Nesta perspectiva, buscar caminhos para subsidiar ações nas escolas, que contribuam para que haja melhores relações entre as gerações.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5(cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais e a outra será fornecida ao Sr. (a). Importante ressaltar que este TCLE foi redigido em conformidade com a Resolução CNS 466/2012.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Viçosa, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa/UFV

Endereço e contatos:

Prédio Arthur Bernardes, Piso Inferior-Campus Viçosa/MG

Telefone: (31) 3899-2492-e-mail: cep@ufv.br-site: www.cep.ufv.br

Nádia Marota Minó

Rua Paris, 85/101- Santo Antônio Viçosa/MG

CEP: 36570000

Fone: 3892 7805

E-mail: nadiamino@gmail.com